

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GUILHERME DE ARAÚJO LEMOS

ASPECTOS SIMBÓLICOS E SOCIOCULTURAIS PRESENTES NA
ARQUITETURA TUMULAR DO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO
(RECIFE-PE).

Recife
2019

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Guilherme de Araújo Lemos

**ASPECTOS SIMBÓLICOS E SOCIOCULTURAIS PRESENTES NA
ARQUITETURA TUMULAR DO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO
(RECIFE-PE).**

Trabalho de conclusão de curso
elaborado como exigência para
graduação no curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob a orientação do Prof.
Dr. Pedro Henrique Cabral
Valadares.

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

L557a Lemos, Guilherme de Araújo.
Aspectos simbólicos e socioculturais presentes na arquitetura tumular do cemitério de Santo Amaro (Recife-PE) / Guilherme de Araújo Lemos. - Recife, 2019.
81 f.: il. col.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Pedro Henrique Cabral Valadares.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura. 2. Cemitério. 3. Símbolos. 4. Arquitetura tumular.
I. Valadares, Pedro Henrique Cabral. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2019.1-241)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GUILHERME DE ARAÚJO LEMOS

**ASPECTOS SIMBÓLICOS E SOCIOCULTURAIS PRESENTES NA
ARQUITETURA TUMULAR DO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO
(RECIFE-PE).**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.

Aprovado em _____ de _____ de 2019

BANCA EXAMINADORA

Pedro Henrique Cabral Valadares, prof. Dr. FADIC.
Orientador

Stela Gláucia Alves Barthel, Prof.^a Dr.^a, FADIC.
Examinador Externo

Letícia Loreto Querette, Prof.^a Dr.^a, FADIC.
Examinador Interno

Dedico à minha tia Adriana Pessoa de Araújo
“in memoriam” e a todos aqueles que de maneira
direta ou indiretamente contribuíram para a minha
formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor e orientador, Pedro Henrique Cabral Valadares, por aceitar o compromisso, por toda a trajetória desta monografia desde a primeira etapa em TG1, até sua conclusão em TG2, pela sua paciência, para com meus surtos, por sempre ter uma palavra de incentivo e conforto, por sua assistência a qualquer hora em caso de dúvidas, pelos assessoramentos tanto presenciais como via e-mail, pela sua meticulosa correção dos textos e das normas da ABNT e Word, pelo seu tempo disponível e por me aconselhar e conduzir sempre nas minhas ideias.

Agradeço à professora Winnie Emily Fellows, por todo suporte, atenção dado em sala de aula nas disciplinas de TG1 e TG2, pelo seu material, didático, preciso e bem explicativo sobre as normas da ABNT e as configurações do Word, pelo seu acompanhamento na produção do trabalho e sua disponibilidade para tirar dúvidas.

Agradeço à minha mãe, Paula Maria de Araújo Lemos, por sempre estar comigo me incentivando e me apoiando em cada etapa da pesquisa, pela companhia nas visitas em campo, em que fazia questão de ir comigo e por suas palavras de carinho em todo o momento de elaboração. Agradeço ao meu pai Pedro Abílio de Araújo Lemos Neto, por toda segurança de que realizarei um bom trabalho.

Agradeço à minha Irmã, Maria Luiza de Araújo Lemos de Siqueira, que mesmo morando fora do país, esteve sempre presente no andamento desse trabalho, me encorajando na realização do mesmo e sempre ouvindo meus questionamentos a respeito, me dando conselhos e atenção na ortografia.

Agradeço à minha avó, Maria do Rosário Silva, por sempre interceder em suas orações, sempre acendendo as suas velinhas na minha intenção, perante os momentos de desespero e me dando sempre confiança.

Agradeço aos meus amigos, em especial à Anne Bellandi da Silva, Beatriz Regis Cabral de Melo, Gabriela Miranda de Souza, Júlio Augusto Gomes Fragoso, Maria Gabriella Vilaça Padilha Pinto, Maria Luiza Alves de Oliveira, Marília Martins Manta e Marta Ribeiro Hatem de Farias, por acreditarem no meu potencial e por me darem força nos momentos diários de apertado.

E agradeço aos demais, que mesmo indiretamente, contribuíram para a construção deste trabalho, obrigado!

Na mesma pedra se encontram,
Conforme o povo traduz,
Quando se nasce – uma estrela,
Quando se morre – uma cruz.
Mas quantos que aqui repousam
Hão de emendar-nos assim:
“Ponham-me a cruz no princípio...
E a luz da estrela no fim!”

(Mario Quintana, 1989)

RESUMO

O atual trabalho tem como objetivo conhecer os significados socioculturais e a simbologia presentes na arquitetura tumular, tendo como objeto empírico o Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE. Como problema pretende-se avaliar em que medida a arquitetura tumular e seus símbolos correspondem ao desenvolvimento sociocultural da cidade. Tendo como hipótese que a arquitetura tumular do Cemitério de Santo Amaro reproduz em uma microescala as transformações socioculturais da cidade, embora seu acervo construído tenha outra finalidade em meio urbano, mais carregada de significado, simbologia e relações interpessoais. Para verificar a hipótese, foi analisado o contexto histórico, sendo pesquisada a trajetória da morte e sua relação com o homem, como também os processos de sepultamento e a configuração dos ritos pós morte, mencionadas por Guandalini (2010), Coralli (2012) e Silva e Silva (2017), com destaque para o Brasil oitocentista. Passando em seguida para os cemitérios e suas relações com a sociedade, através da arquitetura e dos símbolos inerentes, tendo o espaço como reflexo dos centros urbanos e a nova conotação nos dias atuais. Finalizando a pesquisa com o estudo do Cemitério de Santo Amaro e suas características, contemplando sua morfologia, os estilos arquitetônicos presentes nas suas sepulturas e seus símbolos mais representativos. Esse trabalho analisou os diferentes significados presentes na arquitetura tumular e na simbologia do cemitério de Santo Amaro, mostrando um grande acervo cultural, religioso e social, sendo confirmada a hipótese adotada.

Palavras-chave: Morte. Cemitério. Arquitetura tumular. Símbolos.

ABSTRACT

The present work has as objective to know the sociocultural meanings and the symbology present in the tomb architecture, having as empirical object the cemetery of Santo Amaro, Recife-PE. As a problem we intend to evaluate to what extent the tomb architecture and its symbols correspond to the socio-cultural development of the city. Based on the hypothesis that the tomb architecture of the Santo Amaro cemetery reproduces in a microscale the socio-cultural transformations of the city, although its built collection has another purpose in an urban environment, more loaded with meaning, symbology and interpersonal relations. In order to verify the hypothesis, the historical context was analyzed, by investigating the trajectory of death and its relationship with man, as well as the burial processes and the configuration of the postmortem rites mentioned by Guandalini (2010), Coralli (2012) and Silva e Silva (2017), with emphasis on nineteenth-century Brazil. Moving on to the cemeteries and their relations with society, through the architecture and its inherent symbols, having its space as a reflection of the urban centers and their new connotation in the present day. Finishing the research with the study of the cemetery of Santo Amaro and its characteristics, contemplating its morphology, the architectural styles present in its graves and its most representative symbols. This work analyzed the different meanings present in the tomb architecture and symbology of the Santo Amaro cemetery, showing a great cultural, religious and social heritage, confirming the hypothesis adopted.

Keywords: Death. Cemetery. Funerary architecture. Symbols.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Enterro Neandertal.	19
Figura 2 – Processo de mumificação, Egito Antigo.	20
Figura 3 – Altar em oferenda aos mortos, México.	20
Figura 4 – Comemoração nas ruas - México.	23
Figura 5 – Cemitério, dia dos mortos, México.	23
Figura 6 – Planta do Cemitério La Recoleta, Argentina.	24
Figura 7 - Planta do Cemitério Père-Lachaise, França.	24
Figura 8 – Arco do Triunfo, Paris, França.	24
Figura 9 – Mausoléu Neogótico, Varsóvia, Polônia.	25
Figura 10 – Jazigos Simples em Cemitério no Paraná.	26
Figura 11 – Cemitério Père-Lachaise, na França.	27
Figura 12 - Mausoléus Ecléticos no cemitério de La Recoleta, Argentina.	27
Figura 13 – Cemitério Highgate mais conhecido como “cemitério maldito”, EUA.	27
Figura 14 – Cemitério de Arlington, EUA.	28
Figura 15 – Cemitério da Consolação, São Paulo.	28
Figura 16 – Cemitério de João Batista, Rio de Janeiro.	28
Figura 17 – Cortejo funerário, Brasil Colônia.	32
Figura 18 – Cemitério Jardim do Édem, Fortaleza-CE.	36
Figura 19 – Gavetas funerárias presentes em cemitério de Paulista-PE.	37
Figura 20 – Mulher com expressão desolada sobre túmulo, Cemitério da Consolação, São Paulo.	40
Figura 21 – Mausoléu Neoclássico presente no Cemitério de Santa Casa da Caridade, Porto Alegre, RS.	42
Figura 22 – Mausoléu Neogótico presente no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	43
Figura 23 – Estilo Eclético presente em mausoléu, Curitiba, PR.	43
Figura 24 - Localização do Cemitério de Santo Amaro, 1876.	45
Figura 25 – Frente do Cemitério de Santo Amaro, 1858.	46
Figura 26 – Alameda principal do Cemitério de Santo Amaro.	47
Figura 27 – Jazigos paralelos à rua principal do Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	48
Figura 28 – Portão da entrada principal em ferro, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	48
Figura 29 – Planta esquemática do Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	49
Figura 30 – Vista da capela em alameda principal.	50
Figura 31 – Vista interna da capela.	50
Figura 32 – Detalhe do crucifixo em ferro fundido.	51
Figura 33 – Ossuário.	52
Figura 34 – Túmulo e ossuário.	52
Figura 35 – Vista aérea do Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	54
Figura 36 – Frente do jazigo de Joaquim Nabuco.	56
Figura 37 – Costas do Jazigo de Joaquim Nabuco.	57
Figura 38 – Detalhe do caixão de Joaquim Nabuco sendo carregado.	58
Figura 39 – Detalhes do busto de Joaquim Nabuco e representação feminina.	58

Figura 40 – Jazigo de Manoel Borba.	59
Figura 41 – Detalhe do brasão e epígrafe.	60
Figura 42 – Jazigo do Barão e da Baronesa de Macejana.	61
Figura 43 – Detalhe da escultura da Baronesa e Barão de Macejana.	61
Figura 44 – Jazigo do Governador Agamenon Magalhães.	62
Figura 45 – Detalhe das Alegorias femininas e do governador.	63
Figura 46 – Detalhe das esculturas presentes nas laterais do mausoléu de Agamenon Magalhães.	63
Figura 47 – Mausoléus Neoclássicos presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	66
Figura 48 – Mausoléus Neogóticos, presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	66
Figura 49 – Mausoléus Ecléticos, presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	67
Figura 50 – Mausoléu Modernista de autoria do arquiteto Mário Russo, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	68
Figura 51 – Túmulo do político Carlos de Lima Cavalcanti.	69
Figura 52 – Alegorias de santos e santas, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	71
Figura 53 – Alegorias de crucifixos, Cemitério de Santo Amaro Recife-PE.	71
Figura 54 – Crucifixos, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	72
Figura 55 – Alegoria feminina sob túmulos, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	72
Figura 56 – Mulheres em desolação, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	72
Figura 57 – Bustos, Cemitério de Santo Amaro.	73
Figura 58 – Representação de vasos e ampulheta, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	73
Figura 59 – Imagens civivo-celebrativa, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	73
Figura 60 – Figuras antropomórficas, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.	74
Figura 61 – Representação zoomórficas, Cemitério de Santo Amaro.	74
Figura 62 – Elementos fitomórficos, Cemitério de Santo Amaro.	74
Figura 63 – Elementos alegóricos do fogo, Cemitério de Santo Amaro.	75

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	A MORTE E AS FORMAS DE SEPULTAMENTO.....	15
3.	ARQUITETURA CEMITERIAL.....	21
3.1.	No Brasil	29
3.1.1.	No contexto oitocentista	31
3.1.2.	Na atualidade.....	34
3.2.	As artes e os estilos sepulcrais.....	38
4.	O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO.....	44
4.1.	Túmulos ilustres	54
4.2.	Principais estilos arquitetônicos.....	64
4.3.	Os principais símbolos	69
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS.....	78

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo identificar os significados socioculturais e religiosos presentes na arquitetura tumular do cemitério de Santo Amaro, permitindo assim traduzir como são as relações entre os vivos e os seus mortos, como também a semelhança da morfologia urbana para com os cemitérios, buscando trazer estas relações socioculturais com a arquitetura e seus símbolos.

O interesse por este tema surgiu pela vontade de abordar um assunto tão pouco explorado, pela escassez de trabalhos acadêmicos voltados a esse conteúdo, pela intrigante e misteriosa temática que há por trás da morte e pelo local que é destinado ao descanso eterno, como um vasto e amplo campo de conhecimento e curiosidade, que fascina os olhos de quem o explora.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, onde no primeiro consta a introdução, que apresenta as informações e diretrizes abordadas. O segundo capítulo é dedicado ao contexto histórico, traz a temática da morte e sua relação com o homem, sendo exemplificada em culturas diferentes e as formas de sepultamento, tendo cada cultura sua tradição, na tentativa de enfrentar a morte, gerando manifestações, costumes, ritos fúnebres particulares, dando a entender que a morte assume diferentes maneiras na sociedade.

O terceiro capítulo expõe os conceitos de cemitério, suas transformações ao longo do tempo, saindo dos interiores das igrejas para fora das cidades, ocasionados pelos problemas de salubridade. A morfologia, como são organizados internamente, fazendo sua comparação com as cidades e a distinção sociocultural que se vê presente na arquitetura tumular. Os cemitérios também são vistos como atrativos turísticos, seja pela fama de estilos arquitetônicos diferentes, de personalidades famosas ali sepultadas, sua localidade etc. Ainda aborda a questão dos cemitérios no Brasil, as transformações as relações para com os mortos, as formas de sepultamento, as artes os estilos encontrados neles.

O quarto capítulo é dedicado ao Cemitério de Santo Amaro, com explicações quanto às características principais, os túmulos ilustres, não só os de entes famosos que ali se encontram, mas também da arquitetura eminente encontrada em alguns túmulos. Os estilos arquitetônicos existentes relacionados com a época em que foram adotados e alguns símbolos mais representativos presentes nas decorações tumulares.

Por fim, observa-se que o Cemitério de Santo Amaro guarda em si um grande acervo de representações simbólicas, artísticas e estilos divergentes da arquitetura, presentes nos túmulos, acompanhando as determinadas épocas, tornando-se um lugar de memória e saudade. É possível perceber também a comparação da cidade com o cemitério pelos valores econômicos, sociais, culturais e religiosos sendo manifestados pela organização espacial, juntamente com disparidade encontrada nos túmulos.

2. A MORTE E AS FORMAS DE SEPULTAMENTO

A morte é um dos temas que mais confrontam a mentalidade humana, provocando opiniões e discussões sob a reflexão de que, de todas as certezas e incertezas presentes na vida do ser humano, uma das que jamais se poderá driblar é de fato a morte que, de uma maneira ou de outra, sempre estará completando o seu ciclo natural.

A morte faz parte do desenvolvimento humano acompanhando seu ciclo vital e deixando suas marcas, sendo algo que não pode ser descrita, ou seja, a própria palavra morte não dá conta do que ela seja. Cada pessoa tenta ligá-la em outra palavra, as quais possam expressar ideias, fantasias, crenças e mitos. Essas palavras acabam por ser insuficientes para descrever o muito que se imagina e o pouco se sabe sobre o fenômeno (CORALLI, 2012, p. 2).

O fato é que a morte sempre estará presente na vida do ser humano, mas nem sempre deixando representações claras e objetivas. Para muitos, a morte é tratada com certa angústia e medo, por trazer consigo a incerteza do pós-morte, independente de classe social, etnia, gênero, idade, religião etc. Já por outro lado, tem-se o medo da solidão causada pelo modo de encarar a perda de algum ente querido, envolvendo a dor da ausência (KASTENBAUM E AISEBERG apud CORALLI, 2012).

Segundo Coralli (2012), o homem primitivo não abandonava seus mortos e a ideia de imortalidade sempre o fez questionar sobre o significado da vida e do que viria a seguir, sempre fazendo o uso de ritos e magias para tentar alcançar alguma resposta do que se considerava outro mundo. A autora afirma ainda que a morte não está atribuída só ao evento biológico, mas também atrelada a diferentes aspectos sociais, antropológicos, espirituais e psicológicos, fazendo parte de um desenvolvimento cultural que varia periódica e espacialmente, tendo cada cultura seus diferentes modos e costumes, gerando também formas distintas de ritos fúnebres e dando a entender que a morte assume diferentes papéis na sociedade.

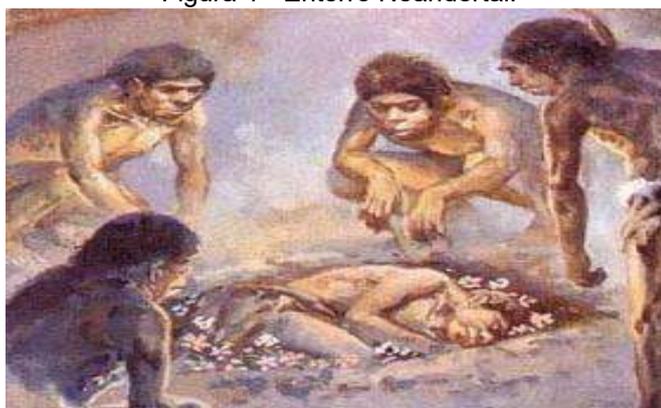
O homem primitivo passou a crer que a morte não era o fim e que ainda havia outras formas de preparar o falecido para o que se considerava uma outra vida. Com isso, a morte passou a ocupar um papel fundamental na existência humana (GUANDALINI, 2010). O sepultamento então passa a ser um meio de preparação do indivíduo para o que se considerou o *outro mundo*, ou para uma segunda vida.

Contudo, apesar do receio sobre a morte, os homens encontravam várias maneiras de se relacionar e os meios descobertos foram se aperfeiçoando e modificando ao longo do desenvolvimento sociocultural. Porém, cada cultura teve sua forma característica no aspecto funerário.

Os ritos fúnebres são muitos e variados e evoluem não só com os costumes regionais, mas também com a idade, o sexo e a posição social do defunto. Todas as sociedades arcaicas mostram que o homem, ao tomar consciência da morte, procura a desintegração do envoltório carnal, pratica ritos que provam sua crença no além e procura facilitar o acesso a uma nova vida (BAYARD, 1996 apud GUANDALINI, 2010, p. 5).

Nos tempos pré-históricos, as práticas mortuárias eram carregadas de simbologias, sinalizando ritos de passagem em que era comum que os corpos fossem enterrados em posição fetal, simbolizando a vida no útero da mãe terra. Sendo assim, o homem neandertal estava sempre se relacionando com a natureza, e essa maneira era crucial para as formas de como eles eram enterrados. Os corpos eram dispostos em covas, com a cabeça voltada para o poente, confirmando a ligação do homem com a natureza, juntamente com objetos que foram utilizados durante sua vida (Figura 1). Perante isso, para os homens ancestrais a morte não era o fim e continuava o seu ciclo mesmo depois de morto, sempre tendo o contato com a natureza e o universo cósmico (CARVALHO, 2011).

Figura 1 - Enterro Neandertal.



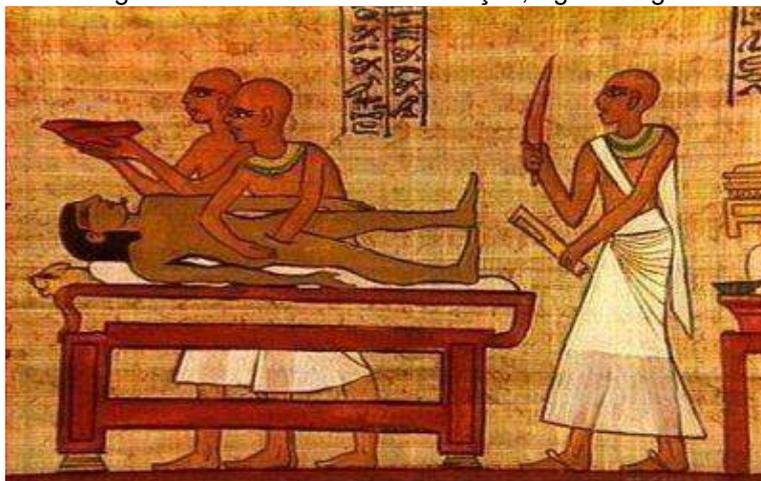
Fonte: Disponível em:

<http://asetimaelegia.blogspot.com>. Acesso em 19 de fev. de 2019.

Já na Antiguidade ocidental, a civilização egípcia tinha uma relação de que a morte e os ritos eram vinculados na própria maneira de viver. Os povos egípcios, sem dúvida, eram os mais religiosos e respeitosos com relação à morte, pois conviviam em

dedicações diárias para com os seus antepassados. Eles acreditavam no corpo e na alma juntamente com a religião, ligados ao rio Nilo e os aspectos da natureza. Os egípcios possuíam várias divindades adoradas e seguiam os seus ensinamentos diariamente. Além disso, eles possuíam um deus ligado ao mundo dos mortos, chamado Anúbis, que não atendia aos que estavam no mundo dos vivos, mas sim àqueles que já haviam morrido, reforçando a crença na reencarnação por meio do processo de mumificação (Figura 2). Era por meio deste processo que os egípcios acreditavam que o morto poderia voltar a viver em seu corpo carnal. Para os mais ricos, como os faraós e seus familiares, as pirâmides eram o local de sepultamento, de proporções monumentais para simbolizar a importância dos que ali estavam sepultados, juntamente com tesouros e demais pertences. Havia também “*O livro dos mortos*”, que era escrito em papiros, apresentando práticas e receitas para que o morto acompanhasse de modo que pudesse se livrar da condenação no tribunal de Osíris¹ (SILVA e SILVA, 2017).

Figura 2 - Processo de mumificação, Egito Antigo.



Fonte: Disponível em: <http://leonardolovari.altervista.org>.
Acesso em 19 de fev. de 2019.

Na Grécia antiga, se admiravam as relações de honra e dos “status” sociais e isso interferia nos processos funerários. Para eles, serem esquecidos ou renegados era a mesma coisa de estarem mortos. Diante disso, os familiares dos que morriam sempre se preocupavam em deixar a memória do falecido eternamente viva. Com o intuito de adentrar no mundo dos mortos, os mesmos teriam etapas nas quais era

¹ O tribunal de Osíris era encarregado de julgar as almas composto por 42 deuses por ele chefiado. A alma fazia sua defesa perante aos juízes através do Livro dos Mortos, devendo declarar-se inocente dos pecados e confirmar sua virtude

necessária a participação dos vivos, que deveriam fazer com que todos os ritos necessários fossem cumpridos, de maneira correta, fazendo o morto ser aceito em seu novo local (SILVA e SILVA, 2017).

Os gregos tinham um notável zelo para com seus mortos, que se consubstanciava nos ritos de lamentação, no enterro e nas manifestações rituais desempenhadas também na tumba que era, em geral, marcada por construções e objetos de diversos tipos. A tumba não só abrigava o corpo inerte e constituía a nova morada do morto, como guardava um importante conteúdo simbólico, veiculado significados sobre o ritual da qual era subproduto e sobre as relações sociais nele envolvidas (ARGOLO, 2001 apud SILVA e SILVA, 2017, p. 5).

Após o falecimento, era realizada a *próthesis*, que consistia em um conjunto de rituais que fazia parte da preparação do corpo antes de ser sepultado. O corpo recebia vários cuidados e era velado na casa de seus familiares, tendo participação de parentes. No entanto, o manuseio do corpo só poderia ser feito pelos homens. Após a cerimônia, a qual era seguida por cânticos fúnebres, o corpo era exposto às últimas homenagens prestadas pelos parentes. Depois de três dias após o falecimento e antes mesmo do dia clarear, o corpo era levado por uma procissão que era chamada de *ekphorá* que transportava o corpo até o lugar onde seria sepultado (SANTOS, 2010).

Segundo Santos (2010), geralmente os túmulos eram na sua maioria simples montes de terra, mas que possuíam alguma escultura ou estátua que era colocada sobre o mesmo, como também algum objeto que simbolizasse o *status* do falecido em vida. Alguns dos túmulos apresentavam o *kolossos*, que se tratava de uma estátua com as características físicas do morto, que tinha a conotação de fixidez da morte. Poderia também ser usada para espantar fantasmas que vinham perturbar seu descanso. A partir da colocação desses monumentos funerários, os gregos faziam com que a lembrança do falecido jamais fosse esquecida e que se perpetuasse na memória dos parentes e desconhecidos.

Portanto, para os gregos, a morte estava cercada de significados e símbolos juntamente com os ritos funerários, através de suas crenças, indispensáveis à atuação do vivo perante o morto. Os ritos não só estavam sujeitos às práticas e ao sepultamento, mas em outras formas cerimoniais que eram realizadas na visitação dos familiares e amigos aos túmulos, como oferendas de alimento. Essas práticas eram realmente levadas a sério tanto quanto o funeral em si. Segundo os gregos, o luto era

levado a sério, era uma questão de extrema importância que evidenciava a honra do falecido e da família (SILVA e SILVA, 2017).

Em diferentes culturas, a morte é vista como um dia para se celebrar, para resgatar as memórias daqueles que um dia fizeram parte da vida na terra. De acordo com Villasenor e Concone (2012), para os mexicanos a festa dos mortos marca um dia festivo na cultura. A celebração é realizada entre os dias 01 e 02 de novembro e acontece tanto nos interiores das residências, onde altares são confeccionados para homenagear os mortos, como também as ruas são tomadas por pessoas fantasiadas em desfiles com carros alegóricos, em homenagem aos mortos e os cemitérios são tomados por enfeites, como bandeirinhas das mais variadas cores, oferendas de comidas, velas, flores, incensos etc (Figuras 3, 4 e 5). Comumente difere de uma região para a outra do país, mas a essência é a mesma, uma festa alegre e colorida. Nesse período, os familiares e amigos recordam a vida dos que já se foram, é um culto ao profano e ao sagrado mesclando o medo e a ironia. Nesse dia, a morte é retratada de modo ridicularizado pelos manifestantes em formas de charges, doces, caveiras de açúcares, músicas, bebidas alcoólicas etc.

Figura 3 - Altar em oferenda aos mortos, México.



Fonte: Disponível em: <https://www.norteando voce.com.br>.
Acesso em 19 de fev. de 2019.

Segundo Villasenor e Concone (2012), nos dias festivos são preparadas missas realizadas pela Igreja Católica, os cemitérios são tomados por visitantes, que trazem consigo velas e flores, nos cinemas as sessões são de acordo com o tema da festa; as rádios locais homenageiam, tocando músicas e contos especiais. De uma maneira geral, os mexicanos celebram a vida pensando na morte.

Na verdade o que parece ser mais temido para o indivíduo, dependendo também da época de vida em que se encontra, o medo se torna maior pelas circunstâncias

provenientes do cotidiano, como por exemplo o perigo mediante situações externas, violência, assaltos, guerras como também as inquietações internas, como as fobias e os medos, ou até mesmo a morte de alguém significativa (CORALLI, 2012).

Figura 4 - Comemoração nas ruas-México.



Fonte: Disponível em:
<https://www.coroasparavelorio.com.br>. Acesso em 19 de
fev. de 2019.

Figura 5 – Cemitério dia dos mortos, México.



Fonte: Disponível em:
<https://novedadesdetabasco.com.mx>. Acesso em 19 de
fev. de 2019.

3. ARQUITETURA CEMITERIAL

As palavras “cemitério” e “necrópole” têm origem grega. A primeira vem de *koumetêrian* (que significa “dormitório”), enquanto necrópole deriva de *necrópolis* (“cidade da morte” ou “cidade dos mortos”). Já a palavra ‘*cadáver*’, que faz parte do mesmo contexto, tem origem latina e significa “carne dada aos vermes”, o que traduz o destino dessa matéria orgânica. (SILVA e MALAGUTTI FILHO, 2009, p. 25).

Segundo Silva e Malagutti Filho (2009), era comum os enterros acontecerem nos interiores das igrejas ou em imediações do local de moradia. as consequências desse processo fizeram com que os cadáveres ali enterrados disseminassem doenças contagiosas que afetavam os vivos. Nesse período a forma de sepultamento passou a ser um processo simplificado, chamado de imunação. Consistia em um simples recobrimento dos corpos, com uma profundidade rasa de praticamente 1,00 a 2,00 metros. Tanto na Europa (século XVIII) e no Brasil (século XIX) tal costume sofreu mudanças, resultando em novos pensamentos e atitudes, mas principalmente com a questão do espaço urbano.

Na França, no ano de 1737, os médicos formados pelo parlamento de Paris faziam recomendações para que os enterros fossem realizados de acordo com alguns princípios e com manutenções periódicas nos locais em que os mortos eram enterrados. Em 1743, o abade Francês Charles-Gabriel Porée fez uma publicação de um texto condenando os sepultamentos no interior das igrejas e das residências, promovendo assim que os enterros fossem feitos fora das cidades. A partir dessa publicação, autoridades de diversos países da Europa começaram a instituir os cemitérios e que os enterros fossem realizados ao ar livre e à margem das áreas urbanas. Naquele século, a palavra “cemitério” foi começando a ter o sentido atualmente conhecido e, por motivos de saúde pública, as formas antigas de sepultamento foram banidas. Em Portugal, no ano de 1801, o príncipe regente D. João VI seguiu o que vinha ocorrendo na França, incluindo as colônias, como o Brasil (SILVA e MALAGUTTI FILHO, 2009).

A palavra cemitério aplica-se, propriamente, a um lugar em que é dada a sepultura por inumação, por enterramento direto no solo. É, pois, por abuso, por extensão de sentido, que é empregada para designar os hipogeus egípcios, os ajuntamentos de sepulturas cavadas na rocha, como na Assíria, na Fenícia e na Índia, os túmulos gregos e outros, os columbários romanos (...) os cemitérios propriamente ditos, só aparecem em plena Idade Média, quando se enterravam os mortos de

categoria dentro das Igrejas e os pobres nos adros, tudo nos limites paroquiais (ALMEIDA, 2013 apud COSTA e CASTRO, 2015, p. 1977).

Segundo Figueiredo (2014), conforme as ações higienistas, os cemitérios deveriam estar em áreas afastadas dos centros urbanos, com muros altos para conter a entrada de animais domésticos, distanciados de cursos d'água e áreas sujeitas às inundações. O espaço escolhido deveria atender à algumas exigências provenientes da composição do solo, declividade, aeração dos terrenos, proporcionando a circulação melhor dos ventos, espécies de vegetação com o intuito de embelezar, como também ajudar no processo de purificação do ar. Outros pontos em questão sobre o desenvolvimento interno dos cemitérios dizia respeito ao tamanho e às profundidades das covas. Internamente deveria ser dividido em áreas mediante cálculos e projeções. Deveriam ser estabelecidas também a manutenção, como a poda de árvores, o recolhimento do lixo, o corte da grama, as reparações nos túmulos, os postes de iluminação, o recapeamento das alamedas etc.

A cidade é fruto de uma intensa relação social exercida pela sociedade e de fato, isso também é percebido nos cemitérios. Existe uma certa semelhança entre cidade e cemitério, em que ela fornece uma leitura diante da paisagem cemiterial, e que se reflete como nas cidades (SANTOS, 2017). Assim sendo, as cidades constituem um grande espaço composto por outros espaços menores ou microespaços, que assumem significados e se adequam ao uso que lhe são entregues.

De uma maneira geral, a disposição espacial dos cemitérios retrata a organização feita nos espaços urbanos. Os cemitérios são organizados em um traçado reticular, formando uma divisão racional, distribuindo-se em grandes quadras, lotes, ruas etc., obedecendo à critérios semelhantes aos das cidades. (Figuras 6 e 7).

Figura 6 – Planta do cemitério La Recoleta, Argentina.



Fonte: Disponível em: <https://eufui.blog.br/2016/12/ceimiterio-da-recoleta-em-buenos-aires/>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Figura 7 – Planta do Cemitério Père-Lachaise, França.



Fonte: Disponível em: <https://pt.map-of-paris.com/monumentos-mapas/ceimit%C3%A9rio-de-p%C3%A8re-lachaise-mapa> . Acesso em 26 de mar. de 2019.

Normalmente, no centro do cemitério existe uma capela, cruzeiro, obelisco etc., como um ponto de partida da necrópole para as principais alamedas, que se ramificavam em outras, transversais, dispoendo os túmulos organizados uniformemente. Diante disso, pode-se fazer uma comparação com a cidade de Paris. Nesta cidade, o Arco do Triunfo consiste em um ponto de referência, um guia para a toda a cidade, é a partir dele que partem as principais ruas que se ramificam em outras

menores, circundando por toda a metrópole, assim como ocorre em muitos cemitérios (Figura 8).

Figura 8 – Arco do Triunfo, Paris, França.



Fonte: Disponível em: <http://mundodeviagens.com/arco-do-triunfo/>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Para Nogueira (2013), os cemitérios como um grande espaço livre e vasto eram sem dúvida um lugar para não haver distinção de classe social, porém, como nas cidades, existem os bons lugares para se conviver, nos cemitérios encontram-se os melhores túmulos e mausoléus, que na verdade são verdadeiras residências, dispostos nas principais alamedas da necrópole. Ao centro, as capelas possuem uma visão panorâmica, privilegiada. Nas principais vias se situam os locais de sepultamento mais caros, normalmente com os túmulos com arquitetura mais elaborada, acompanhando o estilo arquitetônico vigente à época de sua construção, assim como ocorria nas residências das famílias mais abastadas (Figura 9).

Figura 9 – Mausoléu Neogótico, Varsóvia, Polônia.



Fonte: Disponível:
https://pl.wikipedia.org/wiki/Mauzoleum_Potockich_w_Wilanowie. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Assim como nas cidades, os cemitérios também possuem áreas com menor procura e áreas mais privilegiadas. Os túmulos de famílias menos abastadas tendem a se localizar em regiões periféricas e a não ter um tratamento estético que atenda aos requisitos de algum estilo arquitetônico específico (Figura 10). Outro fato são os crescimento desenfreado das cidades referentes ao número maior de habitantes a cada ano, que obrigam os cemitérios a se expandirem ou a criarem novos espaços.

Figura 10 – Jazigos simples em cemiterio no Paraná.



Fonte: Disponível em:

<http://www.cianorte.pr.gov.br/noticia/adequacoes-de-tumulos-para-finados-sao-permitidas-ate-27-de-outubro>.

Acesso em 26 de mar. de 2019.

Cada vez mais, as famílias de elite passaram a garantir seus espaços nos cemitérios, adaptando antigos costumes aos novos parâmetros de sepultamento, com construções suntuosas, acompanhando os estilos e a arquitetura adotados em grandes centros da Europa e fazendo uso dos melhores materiais e artistas conceituados (NOGUEIRA, 2013).

Ao longo dos anos, os cemitérios começaram a fazer parte do dia a dia da população e começavam a serem visto como um espaço que poderia se tornar um lugar santo, tal qual as igrejas e ainda livres de ameaças de insalubridade (NOGUEIRA, 2013).

Segundo Puerto (2016), os cemitérios são tidos também como fortes centros turísticos, com variadas denominações, como turismo fúnebre, turismo macabro, turismo sombrio, turismo negro, necroturismo, entre outras nomeações. Geralmente, o que se aborda nas atividades turísticas nesses locais são referentes à cultura, à história, à memória, ao espaço em si, à iconografia, à arquitetura, à riqueza nos mais diversificados objetos e utensílios presentes na arte tumular, ênfase na memória das pessoas que se encontram ali enterradas, sejam elas famosas, por meio de seus

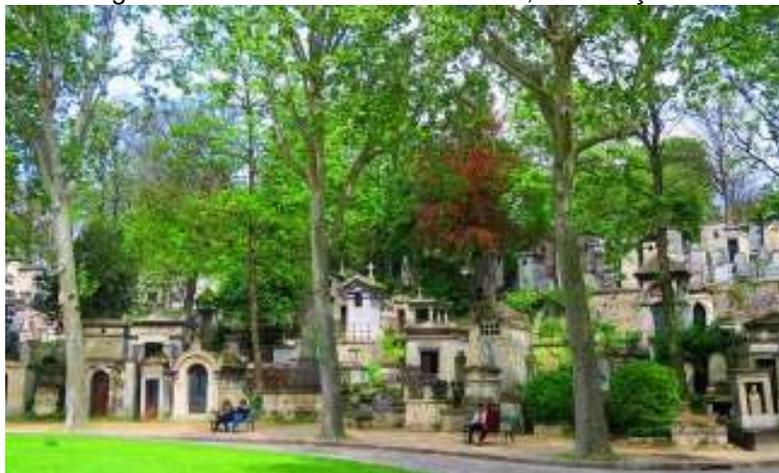
feitos, tanto nos parâmetros locais ou em nível mundial, atraindo milhares de visitantes.

Não existe razão para que não haja atividades turísticas nesses locais, a perceber que o cemitério é um espaço de cidadania, urbanidade e principalmente cultura. Esse turismo só tende a crescer e multiplicar-se, tornando os destinos mais procurados e conhecidos pelos turistas. Os cemitérios fornecem uma vasta experiência e significados, uma possibilidade de troca dos símbolos presentes no cenário, de caráter educativo e multidisciplinar.

Como ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo, os cemitérios atraem romarias de visitantes interessados em conhecer túmulos de personalidades mundiais da literatura, das artes, da política, da história como também para apreciar túmulos e jazigos que podem ser vistos como verdadeiras obras de arte. Além de sua importância histórica, os cemitérios são ainda vistos como locais por onde se podem percorrer jardins arborizados, alamedas floridas e desfrutar de momentos de paz e tranquilidade como uma ilha no meio do caos urbano das grandes cidades (OSMAN E RIBEIRO, 2007, p. 3).

Atualmente, em diversos países do mundo, há vários cemitérios que já são consagrados como pontos turísticos. Sendo os mais conhecidos na rota turística os europeus, como o Père Lachaise, na França (Figura 11), o La Recoleta, em Buenos Aires, Argentina (Figura 12), Highgate em Londres, Inglaterra (Figura 13) e o de Arlington, Estados Unidos (Figura 14). E ainda os brasileiros, como o cemitério da Consolação em São Paulo, (Figura 15) e o São João Baptista no Rio de Janeiro (Figura 16).

Figura 11 – Cemitério Père Lachaise, na França.



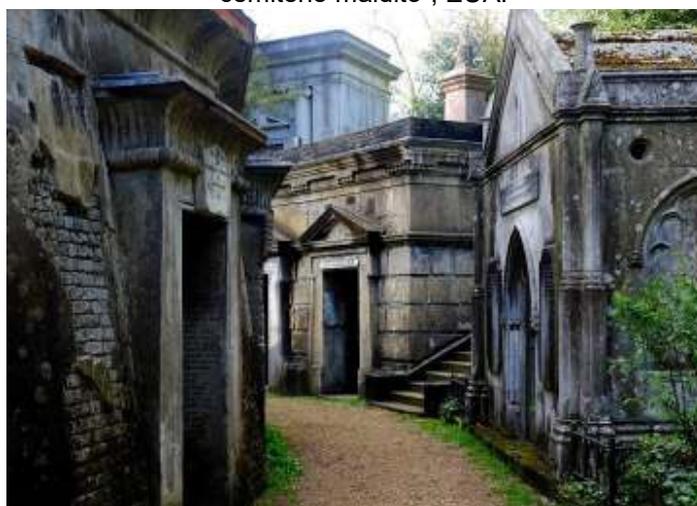
Fonte: Disponível em: <https://xdaysiny.com/visiting-pere-lachaise-cemetery-paris/>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Figura 12 – Mausoléus Ecléticos do Cemitério de La Recoleta, Argentina.



Fonte: Disponível em:
<https://www.latrotamundos.com/2014/10/30/mausoleos-e-historias-del-impresionante-cementerio-de-la-recoleta/>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Figura 13 – Cemitério Highgate, mais conhecido como “cemitério maldito”, EUA.



Fonte: Disponível em:
<https://www.magnusmundi.com/highgate-o-cemiterio-maldito/>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Figura 14 – Cemitério de Arlington, EUA.



Fonte: Disponível em: <http://ny-contact.com/project/cemiterio-nacional-arlington/>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Figura 15 – Cemitério da Consolação, São Paulo.



Fonte: Disponível em: <https://i.imgur.com/q0jvjCL.jpg>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Figura 16– Cemitério São João Baptista, Rio de Janeiro.



Fonte: Disponível em: <https://brazilphotopress.photoshelter.com/image/I0000r51q2H6MUhs>. Acesso em 26 de mar. de 2019.

Para Costa e Castro (2015), os cemitérios fazem parte das cidades e são lugares que proporcionam memórias e identidades, não só como a moradia dos mortos, mas com uma vasta gama de valores históricos, artísticos, culturais, sociais, religiosos e até mesmo turísticos.

(...) pode se configurar em algo mais, se for visto a partir de sua introdução como objeto de interesse histórico, artístico e cultural. Pode se tornar um museu tendo, como acervo, sua arquitetura funerária ou um sítio histórico, no qual está registrada a memória de uma localidade (CASTRO, 2008 apud COSTA e CASTRO, 2015 p.54).

Para Araújo (2013), de uma maneira geral, os cemitérios proporcionam diferentes maneiras de se enxergar uma sociedade, exercidas por representações tanto simbólicas, arquitetônicas, escritas etc., demonstrando os valores presentes em uma dada cultura. Ainda segundo Araújo (2013), os cemitérios, antes de mais nada, são como exemplares de memórias vivas, presentes em cada região e fazendo permanecer os sentimentos e lembranças por aqueles que já se foram, como uma forma de ainda se conectar com o mundo dos vivos. Tais memórias podem ser transmitidas aos visitantes, tanto amigos como familiares, através dos monumentos, erguidos por artesões consagrados, nos quais cada família põe um pouco da identidade do falecido nas obras, seja por fotos, mensagens, textos, esculturas, apresentando valores arquitetônicos, artísticos, sociais e culturais, consistindo em um patrimônio público conhecido como um museu a céu aberto (ARAÚJO, 2013).

O cemitério é por si, o lugar da luta pelo não esquecimento, pode ser comparado a um grande monumento ou a um conjunto de monumentos erguidos em memória dos entes que se foram, sendo, portanto, um lugar da rememoração. É o local de sepultamentos, mas também pode ser fonte de informações ou referências para o estudo da história e da cultura (CASTRO, 2008 apud COSTA e CASTRO, 2015 p.54).

3.1. No Brasil

Era no interior desses templos, sobre um chão de adubado humus cadavérico e sob a guarda de um teto divino, pintado de carregadas nuvens e de arcanjos suspensos, que a coletividade compartilhava momentos de intensa sociabilidade, não somente irmanada por crenças e devoções comuns como também pelos rituais que celebravam: batizados, casamentos, aniversários de vida e de morte, confissões, comunhões, ciclos festivos e religiosos, procissões e velórios (MOTTA, 2010, p. 56)

A partir do final do século XVIII, os sepultamentos passam a ocorrer fora dos centros urbanos e o antigo hábito de sepultar no interior das igrejas deu lugar aos túmulos (MOTTA, 2010).

Com a nova forma de sepultamento, os túmulos passaram a ser elementos que não apenas abrigavam e identificavam os mortos, mas também que representavam a importância daqueles que ali estavam. Muitos túmulos, principalmente dos falecidos mais ilustres e abastados, passaram a ter características que se assemelhavam às igrejas e capelas, mas em tamanho reduzido, com componentes muitas vezes transportados da Europa de navios e montados no local.

A preocupação não só era de ter um lugar ao lado do divino, no céu, mas também de se ter um lugar na terra sob um teto e aos olhos dos familiares, havendo a delicadeza de resguardar e conservar a imagem do morto e também a de protegê-lo das intempéries, tendo cada um sua individualidade, gerando lembranças, memórias, sentimentos, etc. Pois agora os túmulos passavam a ser também as casas dos familiares (MOTTA, 2010).

Em meados do século XIX, no qual cada vez mais a sociedade avançava e se modernizava, levando-se em consideração a racionalização produtiva, a morte, que antes era considerada como uma passagem para “outro lugar”, passou a ser enxergada como um sentimento de “imortalidade subjetiva” e tendo com ela o cemitério, juntamente com o túmulo e todas as suas representações, justificando o lugar em que o homem devesse cumprir sua morte, mas sem deixar que fosse esquecida sua imortalidade. Diante disso, para muitos, o culto aos mortos se torna um resgate aos antepassados, fazendo uma celebração de cunho mais social, cívica, do que religiosa.

Assim sendo, para o autor os cemitérios passaram a se adaptar rápido às novas formas de culto aos mortos, cujos sepultamentos poderiam variar conforme os modos de sociabilidade, expressos na arquitetura cemiterial, por meio de vocabulários estilísticos distintos e símbolos que aludiam ao universo divino.

Neste mesmo período do século XX, as visitas aos cemitérios começaram a ser mais frequentes, principalmente nos finais de semana, dias do falecimento e principalmente em feriados como o Dia de Finados, comemorado em 02 de novembro, em que familiares e amigos prestavam seus louvores. E, ainda para os católicos, passaram a ocorrer as missas de sétimo dia, sete dias após o falecimento, sendo

repetida nos meses posteriores, buscando-se lembrar os que se foram, fazendo a distribuição de “santinhos” como recordação ao finado.

3.1.1. No contexto oitocentista

No século XVIII, os indivíduos passaram a se preocupar com a *boa morte*, fazendo com que regrassem com suas atitudes durante a vida que pudessem interferir na maneira de morrer e no que consideravam vida após a morte, atribuindo-lhe novos significados. Cresceu a preocupação diante da alma e do destino do falecido. Ritos e cerimoniais eram realizados a fim de se destinar uma ida *tranquila e serena* para o *outro lado*. Isso passou a ser visto como uma relação comum e cotidiana no Brasil oitocentista (REIS apud LIMA, 2013).

Segundo Lima (2013), nesse período as pessoas prestes a morrer se “preparavam” para sua morte, evitando que ela acontecesse de forma inesperada, diante disso para se ter uma “boa morte” era indispensável prestar as contas para os que estavam sobre o mundo dos vivos e dar o destino ao corpo, de como ele seria tratado depois da morte.

Uma das formas em que o falecido poderia se preparar ainda segundo para se ter uma “boa passagem” era demonstrando arrependimentos, com doações de seus bens, realizando atos de caridade, destinando missas para encomendar a sua passagem, tentando corrigir os seus erros enquanto estavam em vida.

A morte não era vivenciada de forma solitária. O enfermo não ficava só ou preso em uma cama de hospital, era comum esperar a Morte dentro das casas diante de familiares e amigos, padres, rezadeiras e também de desconhecidos. A morte era uma questão social (REIS, 1991).

Segundo Lima (2013), no Brasil colonial, o sepultamento era visto como um grande evento, pois havia um grande número de pessoas que acompanhavam o cortejo até ser enterrado, sendo elas desconhecidas, amigos, vizinhos, familiares (Figura 17). E se o defunto tivesse algum cargo importante ou fosse uma pessoa conhecida nos arredores, o cortejo poderia adquirir maiores proporções, com os números de seguidores. Assim sendo, quando se tinha a notícia do morto era dada a etapa dos ritos fúnebres.

Os ritos de *post mortem* eram exclusivamente domésticos e de manifestação religiosa, eles iniciavam com a preparação do corpo; cortar o cabelo, limpar e vestir. Em seguida a vela acesa era posta

na mão do defunto como uma forma de guiar o espírito do morto até os céus. Os olhos do cadáver eram fechados com o objetivo de fazer com que o morto os fechasse para o mundo dos vivos e os abrisse quando chegasse ao mundo espiritual. Também existiam as celebrações de missas e o sepultamento dentro da igreja, que exerciam a função de conduzir o morto ao caminho dos céus (LIMA, 2013, p. 2)

Figura 17 – Cortejo funerário Brasil colônia



Fonte: Disponível em: <http://historiadobrasilja.com>. Acesso em 27 de mar. de 2019.

Nessa etapa, segundo Lima (2013), quando o indivíduo morria de forma acidental era visto como um grande azar, pois era importante que o corpo do falecido estivesse preparado para o seu momento final, e os ritos funerários eram indispensáveis garantindo assim uma “boa morte”.

De certa forma, era visto como necessário ter uma quantidade grande de convidados ao funeral, eram oferecidas comidas e bebidas a todos que participavam para que permanecessem o maior tempo possível perante ao morto, pois acreditava-se que assim o indivíduo falecido era mantido fora do alcance de espíritos maus. O momento mais característico do velório se dá quando o morto é velado juntamente com coros de músicas ou orações recitadas chamadas de *sentinelas*, fazendo com que o morto fosse preparado para ir ao céu (REIS apud LIMA, 2013).

Após os procedimentos de despedida do falecido, havia a preocupação com a forma de sepultamento. Para Aires e Gutierrez (2017), havia várias representações de como o morto deveria ser enterrado ao longo da história, com construções tumulares das mais simples e rudimentares feitas com pedra e madeira, passando por grandes edificações cheias de adornos e esculturas e chegando a ter criações de grandes cidades mortuárias.

Para Galvão (1998), durante o século XVIII, era comum que os enterros fossem realizados nos interiores das igrejas, nos pisos, paredes, nos muros externos ou em volta do templo (capela), com o intuito de o morto estar mais perto do sagrado. De tempos em tempos, os esqueletos eram retirados, para que dessem lugar a outros. Para os integrantes da igreja, como padres, frades, cardeais, nobres, autoridades políticas, o jazigo era garantido e se tornava perpétuo e eram postos perto dos altares e no vestíbulo da igreja havia outras partes privilegiadas, como as galerias. Entretanto, na parte localizada perto do adro, era designado o local mais desfavorecido para os sepultamentos, indicado para aqueles que eram pobres ou escravos. Mas nem todos tinham esse lugar sob o olhar do divino: hereges, excomungados, transgressores, judeus, suicidas, duelistas, apóstatas etc., não poderiam permanecer entre os demais, pois eram considerados imunes ao solo santo. Quando não se tinha a caridade das irmandades leigas, os indigentes e escravos eram jogados em valas, matagais e em rios. Ou seja, o modo de sepultamento estava diretamente relacionado à classe social do indivíduo.

Por volta do século XIX, ações higienistas começaram a condenar os enterros realizados nos interiores das igrejas, por considerarem que os gases e odores provenientes dos defuntos geravam graves problemas de saúde. Assim sendo, os enterros passaram a não ser mais nas igrejas e sim nos cemitérios locais, afastados dos arredores da cidade, de modo a concentrar um maior número de falecidos, considerado pelos gregos como uma cidade para os mortos, a qual se chamou Necrópole.

Os médicos viam os enterros nas igrejas por uma ótica radicalmente diferente. Para eles, a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos, causavam doenças e epidemias. Os mortos representavam um sério problema de saúde pública. Os velórios, os cortejos fúnebres e outros usos funerários seriam focos de doenças, só mantidos pela resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com as ideias civilizatórias da nação que se formava. Uma organização civilizada no espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extramuros (REIS, 1991, p. 247).

É notável que muitas dessas práticas passaram por muitas transformações ao longo do século ou até algumas delas deixaram de existir, mas fazendo pensar como aconteciam e o que elas contribuíram com todas essas mudanças ao longo do tempo

e passando a entender cada cultura com sua particularidade, seus modos e seus costumes.

3.1.2. Na atualidade

Para Guandalini (2010), nos tempos atuais, a morte é temida pela maior parte dos seres humanos, os quais fazem de tudo para que ela não aconteça ou atrasam sua chegada. Atualmente, o homem tira a morte do seu convívio, passando a negá-la e tenta desviar-se de todas as suas situações dentre os velórios, lutos, enterros etc. Desta forma, a morte passa a não ter os significados que tinha no passado.

Nas décadas antecedentes ao século XX, a morte tinha um papel fundamental em relação ao homem como uma etapa da vida que precisava ser vivenciada e cumprida na qual se tinha um espaço para sua compreensão. Diante disso, a morte assume outro significado, mudanças acontecem tanto nos costumes fúnebres, como também perante ao falecido (GUANDALINI, 2010).

Desse modo se morreu durante séculos. De cinquenta anos pra cá, as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente, ocorrendo uma verdadeira ruptura histórica. Evidentemente, muitos traços ainda lembram os antigos costumes, porém, o sentimento original foi esvaziado. A morte, tão presente, tão doméstica no passado, vai se tornando vergonhosa e objeto de interdição (MARANHÃO, 1998, p. 9).

Segundo Maranhão (1998), uma das maneiras em que a morte assume outra identidade nas décadas atuais é a sua mudança em conformidade com o local, o deslocamento da morte. Os enfermos que estão prestes a morrer e concluírem seus últimos dias de vida nos hospitais aonde são levados às pressas para uma sala de emergência, tentando assim prolongar um pouco mais sob a ajuda de aparelhos, na tentativa de driblar a morte. Em muitos casos, o morrer de hoje se torna cada vez mais solitário, a morte arroteada de amigos e familiares já não é vista como antes e o finado fica à mercê, sozinho, perante regras e normas exercidas pelos hospitais.

Para Kubler-Ross (1981), a evolução humana é amparada pela evolução da ciência, a qual visa a possibilidade de melhores formas de morrer, tanto para os familiares e amigos quanto para o enfermo, fazendo com que estejam prontos para quando a morte chegar. No âmbito hospitalar, os familiares e o enfermo acreditam que o controle de tudo está nas mãos dos médicos e que eles trarão consigo a cura para o que se aflige e de uma maneira geral o enfermo ficará livre. A autora ainda comenta que o homem costumava enfrentar a morte frente à frente, tendo o contato

direto com seu *inimigo*, no entanto hoje há mecanismos que são oferecidos para que essa aproximação seja cada vez mais impossibilitada.

Quando a morte é anunciada, o hospital se encarrega de entregar o defunto para os familiares, os quais entregam o corpo para empresas especializadas que, no caso são as chamadas Funerárias, contratadas para cuidar do corpo falecido, responsáveis pela sua limpeza, higienização, embalsamento, ornamentações de flores, paramentos para o velório, caixões, transporte com o carro fúnebre até sua chegada ao cemitério, entre outros. Tudo está cada vez mais rápido para durar o mínimo possível, como se fosse uma questão de neutralizar o que está acontecendo e acabar de vez com o sofrimento perante aos familiares e amigos. O tempo de se despedir acabou e, segundo os novos costumes, a morte e o luto não são mais vivenciados, cabe a cada um em seu particular vivenciar à sua maneira (MARANHÃO, 1998).

Outro fato que marca essa mudança, segundo Guandalini (2010), é a questão financeira dos indivíduos, pois esta interfere tanto para a cura da doença como também nos ritos funerários. Isso irá influenciar nas condições em que o enfermo enfrenta a morte como também as circunstâncias da sua saúde. A morte virou um grande centro comercial, não só em confronto com a mesma como nos cuidados com o enfermo.

Percebe-se também essa disparidade financeira com facilidade nos cemitérios. Nota-se vários túmulos, desde os mais simples, nos quais as famílias possuem poucas condições de arcar com os custos, aos mais rebuscados, normalmente daqueles mais abastados, verdadeiros monumentos, com obras de arte. Contudo, notam-se, também, vários túmulos em má conservação, mas outros em perfeitas condições (GUANDALINI, 2010).

Ao final do século XX os cemitérios ganham outras conotações. Os cemitérios-parques, ou memorial parque, começam a se tornar mais frequentes no meio urbano, muito presente nos Estados Unidos. São constituídos em grandes gramados, jardins, campos, transmitindo uma sensação de tranquilidade, naturalidade, um lugar de passeio e de descanso, em que nenhuma lapide impede a visão da paisagem. As esculturas marcam os pontos exatos em que se encontram os locais dos jazigos que agora são substituídos pelas placas de bronze ou de pedras, ou em algum outro material, mas com as mesmas proporções sem algum apelo estético definido, discretas e escondidas em meio ao gramado, passam despercebidas e a sensação de se estar em um cemitério tradicional é perdida. Algumas árvores e arbustos antes

presentes entre os túmulos já não são mais vistas, fazendo com que os visitantes tenham uma melhor circulação entre os túmulos. Essas árvores sombreiam agora, as grandes vias principais de circulação, nesse novo estilo de necrópole como as áreas são maiores e extensas ficam mais difíceis de serem percorridas ou chegar a determinado túmulo a pé, sendo necessário fazer o uso de veículos automotivos (Figura 18), (ROCHA, 2015).

Figura 18 – Cemitério Jardim do Éden, Fortaleza-CE.



Fonte: Disponível em: <http://cemiteriojardimeden.com.br/>. Acesso em 06 de abr. de 2019.

Essas novas formas cemiteriais, antes vistas como alegorias presentes no período oitocentista com grandes construções e com um cenário apelativo e dramático são substituídas por novos espaços que se destinam a diluir qualquer e todo indício da morte. Quanto menos evidente, mais distante é a ideia da morte (ROCHA, 2014).

Para Thompson (2015), as cidades atuais sofrem com a falta de espaço físico. Dentre as soluções para tal problema, as construções arquitetônicas verticais usam de recursos da racionalização e otimização espacial, para poder atender à demanda crescente, constituindo o traçado urbano das metrópoles nos tempos atuais. Pode-se afirmar que esse retrato contemporâneo da cidade também é refletido nos interiores dos cemitérios, apresentando um reflexo da organização urbana. Devido aos túmulos perpétuos presentes nos cemitérios, o problema de falta de espaço impede a rotatividade do uso do solo, impedindo assim os novos sepultamentos, dentre essa situação a necrópole se molda para conseguir atender melhor à demanda popular por mais espaço. Uma das medidas é a verticalização dos cemitérios, em que os túmulos são construídos um sobre o outro como se fossem os edifícios presentes no meio urbano, adotando uma arquitetura geométrica limpa, reta, sem uso de adornos e traços curvilíneos (Figura 19).

Figura – 19 Gavetas mortuárias presentes em cemitério de Paulista-PE



Fonte: Disponível em:

<http://www.paulistaem1lugar.com/2011/10/cemiterio-de-paulista-recebe-126-novas.html>. Acesso em 06 de abr. de 2019.

Outra opção são as cremações feitas em locais específicos, os crematórios, muitas vezes presentes nos cemitérios, resultando em um processo mais prático e higiênico, que consiste na incineração dos corpos, em que as cinzas são guardadas em urnas e entregues à família do morto. Uma terceira proposta é a rotatividade das sepulturas, uma vez que se deixam os corpos até o estágio de decomposição. Após essa etapa, os ossos que ficam são retirados e conduzidos até o ossuário (estrutura vertical encontrada nos interiores dos cemitérios), fazendo findar ou deixando para as famílias que desejam pagar por um jazigo perpetuo (THOMPSON, 2015).

Entretanto, os cemitérios hoje fornecem uma gama de lembranças presentes nos variados objetos e formas arquitetônicas, são locais de histórias onde as religiões reinam livres, as diferenças sociais se misturam, encontros de choro e risos. Antes de mais nada, os túmulos são como exemplares de memórias vivas, presentes em cada região e fazendo permanecer os sentimentos e lembranças por aqueles que já se foram, como uma forma de ainda se conectar com o mundo dos vivos. Tais memórias podem ser transmitidas aos visitantes, tanto amigos como familiares, através dos monumentos, erguidos por artesões consagrados, nos quais cada família põe um pouco da identidade do falecido nas obras, seja por fotos, mensagens, textos, esculturas, apresentando valores arquitetônicos, artísticos, sociais e culturais, consistindo em um patrimônio público (ARAÚJO, 2013).

No entanto as considerações sobre o problema da morte, sentido da vida e suas decorrências em determinadas sociedades, podem estar apoiadas tanto nas crenças expressas pela literatura como nos costumes de sepultamento e demais expressões de culto e ritos relativos a morte. Os rituais funerários têm o que dizer sobre como nos sentimos diante da morte, revelando alguma função social na tradição conservada ao longo de gerações (REIS, 2005, p.30).

3.2. As artes e os estilos sepulcrais

Na segunda metade do século XIX, os cemitérios passaram a ser mais frequentados e cada vez mais os cultos aos mortos se tornava uma prática familiar, o que requeria um cuidado indispensável com os túmulos (MOTTA, 2010).

A depender das circunstâncias, os parentes vivos geralmente buscavam se reconhecer nos túmulos enquanto produto de uma filiação, inscritos numa cadeia de gerações, portadores que eram de um mesmo nome de família. Assim, tendiam a considerar o patronímico como um patrimônio simbólico, aquele que efetivamente era capaz de unir os vivos e os mortos do mesmo grupo de filiação, assegurando a continuidade de uns pelos outros (MOTTA, 2010, p. 61).

O zelo e o cuidado pelo túmulo da família se tornavam cada vez mais comuns na alta sociedade brasileira, na qual iam se encaixando os novos modos de uso e de adaptação dos espaços públicos cemiteriais. Alguns anos depois das construções dos cemitérios, teve início uma certa disputa pela luxuosidade nos jazigos. Cada um em sua forma tentava mostrar o poder que tinha diante das enormes construções, tornando o espaço cemiterial em um lugar de prestígio, em que os vivos ostentavam o seu poder sobre as estruturas em homenagem aos entes falecidos.

Cada um a seu modo tentou atrair para suas quadras de sepultamento as camadas mais afortunadas ligadas ao patronímico de velhas famílias que gozavam de prerrogativas econômicas e políticas decorrentes do comércio, da produção escravista, do latifúndio e de cargos importantes no poder público. Anos mais tarde, seria a vez das novas fortunas, procedentes do capital financeiro especulativo, da indústria, de profissões liberais, assim como de outros setores das camadas urbanas que surgiam nas principais capitais do país (MOTTA, 2010, p. 61).

Os artefatos presentes nos túmulos europeus se tornaram moda nos primeiros cemitérios brasileiros, mesmo não fazendo mais parte da cena funerária europeia. Além das representações macabras, o que se tinha em maior vigor sobre os túmulos brasileiros era o sagrado, no qual não fornecia muita inovação, só depois no início do

século XX é que a estrutura tumular e os símbolos começariam a mudar com destaque para a figura feminina, para os guardiões dos túmulos, os anjos ou arcanjos cada vez mais fiéis à perspectiva da forma humana, ganhando proporções e movimentos maiores carregados de detalhes.

Várias são as figuras femininas transmutadas em anjos, contudo, sem perderem a sensualidade, implicitamente sugerida ou visivelmente realçada. A metamorfose da figura do anjo em mulher foi outra característica da arte funerária desse período. Uma das formas mais convencionais nesse gênero de representação é a figura feminina que pranteia o cônjuge desaparecido. Mulheres inclinadas, ajoelhadas, desmaiadas, em estado de plangência melancólica em que são realçados aspectos dramáticos: mãos contorcidas ou ligeiramente pendentes no ar, pés desnudos, cabelos desgrehados ou esparramados sobre o túmulo, o baixo corporal lânguido ou corpulento, seios volumosos ou ligeiramente delineados (MOTTA, 2010, p. 63).

Essas figuras angelicais tinham uma posição de destaque nos túmulos. Suas expressões alternavam de acordo com o seu estado, podendo trazer a dor da tristeza ou o êxtase da alegria. Outra característica marcante era dos movimentos das asas, ora abertas ora fechadas, semiabertas ou em repouso.

Motta (2010) afirma também outra variação da representatividade feminina, causada pela melancolia da saudade, a qual é demonstrada pelo seu semblante, alternando com profunda tristeza por aquele que se foi e que não irá mais retornar e a placidez na esperança de que a morte é uma passagem ou uma espera. Sendo assim, essas alegorias femininas podem demonstrar posições distintas, dependendo do que se almeja transmitir para com o morto, de joelhos, aos pés do túmulo, abatida, apoiada sobre uma coluna, com a cabeça inclinada para baixo, em aspecto desolador, ora debruçada sobre uma cruz, ora com os braços fixados sobre a urna, numa posição de desalento (Figura 20).

Figura 20 – Mulher com expressão desolada sobre túmulo, Cemitério da Consolação, São Paulo.



Fonte: Disponível em: <http://homembenigno.com.br/2018/05/23/furtos-em-cemiterios/>. Acesso em 13 de mai. de 2019.

Oposta à atmosfera melancólica, a alegoria da esperança pode ser reconhecida por meio de figuras de mulher, algumas delas metamorfoseadas em anjos, sustentando uma âncora, símbolo cristão da esperança. Muito próxima e com pequenas modificações, a ressurreição é representada também por figura feminina, geralmente em forma de anjo, com uma estrela presa à fronte e a mão direita estendida em direção ao infinito, como símbolo da vida eterna. Na outra mão, estendida para baixo, indicativo da vida terrena, segura um objeto que pode variar desde uma simples coroa de flores, um pergaminho ancestral até uma trombeta, instrumento que para os católicos assume o significado de chamar os mortos à ressurreição no dia do Juízo Final (MOTTA, 2010, p. 64).

Os materiais presentes na decoração e nas construções dos túmulos provinham de marmorarias especializadas, levando-se em consideração as oficinas de cantaria, que mais tarde, no final do século XIX, começaram a se ampliar e a dominar o mercado, nas principais cidades brasileiras. Rio de Janeiro e São Paulo, eram as cidades com a maior quantidade de oficinas conceituadas, principalmente a cidade de São Paulo por conter uma forte presença de imigrantes italianos. As peças eram fornecidas e escolhidas através de catálogos, contendo as imagens das representações de anjos, figuras femininas, religiosas, tanto quanto elementos de decoração como brasões, placas em alto e baixo relevo, fixadas sobre os túmulos, com descrições em destaque com o objetivo de garantir ao morto seu lugar em terra, como também frases em que as famílias descreviam com carinho as qualidades do falecido. Coroas de flores, ânforas, colunas, cruzes, piras, ampulhetas, urnas, postas

em destaques sobre túmulos escalonados, obeliscos, animais etc. Esses elementos eram fabricados em grandes quantidades e em escalas comerciais, dando a plasticidade da arquitetura tumular, com exceção de algumas peças que poderiam ser assinadas por profissionais de cantaria ou por algum artesão de prestígio, as quais se tornariam mais comuns no começo do século XX. Grande parte dessas alegorias eram cópias ou exemplares parecidos com existentes e de renomes, como no cemitério Père-Lachaise, no cemitério Staglieno, no Central de Viena, no cemitério Monumental de Milão etc (MOTTA, 2010).

Nem tudo era pedido pelos catálogos. Havia o costume também de encomendar bustos e esculturas, na sua maioria vindo da Europa, gerando assim uma desigualdade com os que não possuíam tanto poder aquisitivo para com seus túmulos.

A partir de meados do século XX, alguns materiais novos passaram a ser utilizados, a exemplo do granito, na qualidade de revestimento e o uso de materiais em bronze para esculturas e bustos (MOTTA, 2010).

Os estilos funerários presentes nos túmulos eram espelhados pelos grandes modelos existentes na iconografia dos cemitérios europeus, sendo mais valorizados os estilos Neoclássico, Neogótico e Eclético. O estilo Neoclássico trazia a referência da arquitetura presente nos templos antigos que consistiam em um espaço retangular em pódio elevado, com escadaria alcançando um pórtico de entrada, fachadas sóbrias erguendo frontões sustentados por colunas nas ordens dórica, jônica ou coríntia (Figura 21). O Neogótico consistia na retomada do vocabulário estético do gótico medieval, mas com materiais construtivos próprios de cada época (Figura 22) Já o Ecletismo abraçava uma mistura de estilos arquitetônicos, que exibiam elementos da arquitetura Barroca, Gótica, Neoclássica, Neogótica, entre outros, em uma só estrutura (Figura 23).

Figura 21 – Mausoléu Neoclássico presente no Cemitério de Santa Casa de Caridade, Porto Alegre, RS.



Fonte: Disponível:
<http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2018/10/06/museu-a-ceu-aberto>. Acesso em 13 de mai. de 2019.

Figura 22 – Mausoléu Neogótico presente no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 23 – Estilo Eclético presente em mausoléu, Curitiba, PR.



Fonte: Disponível:
<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/dez-mausoleus-surpreendentes-para-conhecer-em-curitiba/>. Acesso em 13 de mai. De 2019.

4. O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO

O local em que se encontra atualmente o cemitério de Santo Amaro de certa maneira é uma área com importância urbanística pouco reconhecida no Recife. Desde os tempos da colonização, esse território, antes alagadiço, servia de ligação para Olinda, servindo também para eventuais trocas comerciais.

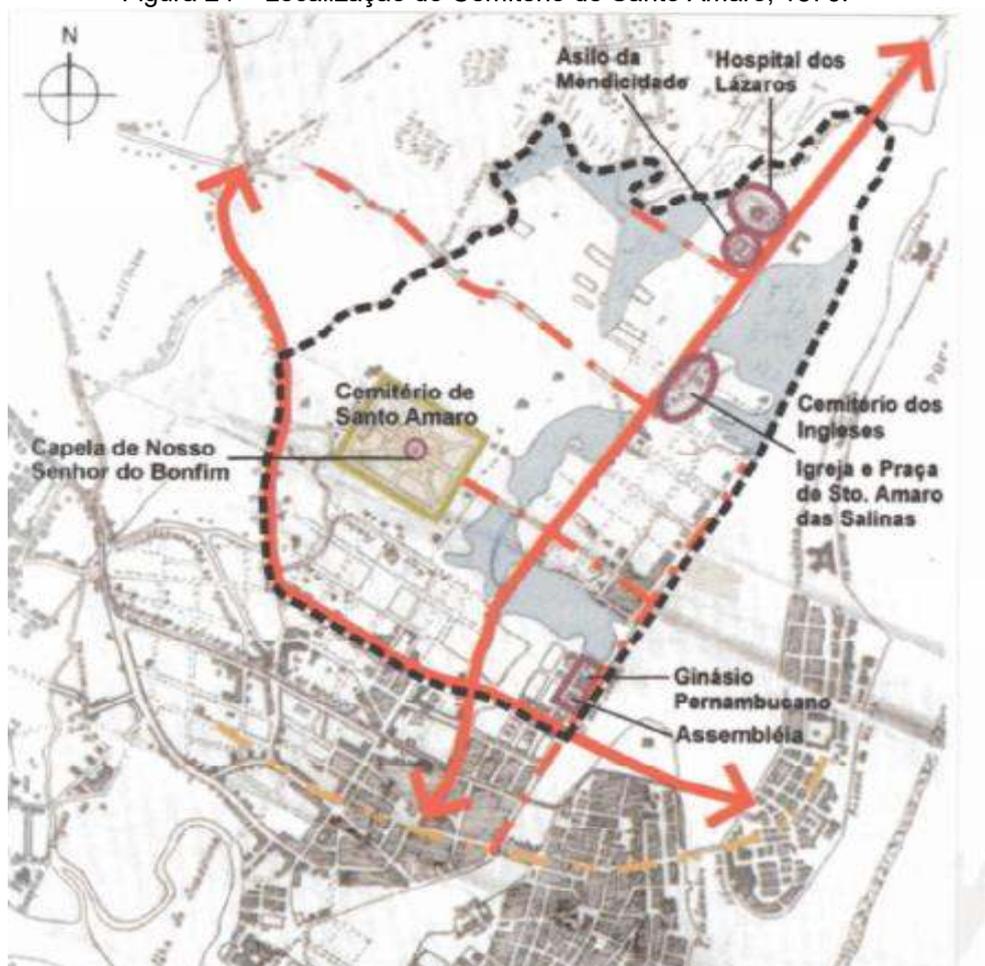
Na formação do bairro que deu nome ao cemitério houve muitas batalhas entre holandeses e pernambucanos e pouco interesse por ocupação permanente. Assim sendo, o bairro de Santo Amaro, situado ao norte da cidade do Recife, entre Olinda e o bairro da Boa Vista, por muito tempo permaneceu como um aglomerado pequeno e disperso, situado em meio a manguezais (MACHADO e CASTRO, 2017)

No século XIX Recife fora uma das primeiras cidades brasileiras a realizar um processo de urbanização e, como diversas outras, se inspirou na França para as mudanças no campo urbanístico e cultural. Esse período foi marcado por uma alta valorização dos espaços públicos, principalmente aqueles que ficavam perante as margens dos rios, com destaque para aqueles que se situavam no rio Capibaribe.

Era perceptível que o Recife se assemelhava em alguns aspectos às cidades europeias com a valorização das ruas e praças, além de inúmeros equipamentos urbanos, dentre eles a implantação de um cemitério, fora do centro urbano da cidade, devido ao foco de proliferação de doenças, que resultou na transferência dos enterros nas igrejas para o cemitério na periferia.

Nesse período, com uma população aproximadamente de 60 mil habitantes em 1840, a cidade do Recife precisava de uma estrutura cemiterial que comportasse essa coletividade e também seu crescimento. Diante disso, o espaço que mais atendia às necessidades de uma grande área suficiente e o mais importante fora da cidade, se encontrava na região de Santo Amaro, local próximo ao centro urbano da cidade e que não tinha muitas construções, além de ser também de fácil acesso fluvial (Figura 24), (MACHADO e CASTRO, 2017).

Figura 24 – Localização do Cemitério de Santo Amaro, 1876.



Fonte: Disponível em: Acervo do Arquivo Público Estadual de Pernambuco.

Segundo Silva (2017), o município do Recife sofreu constantes transformações quando estava sob a administração de Francisco do Rêgo Barros (1802-1870), que posteriormente se tornou barão, visconde e Conde da Boa Vista. Com 35 anos de idade se formou pela universidade de Paris, exercendo a profissão de matemático. Foi convocado para ser presidente da província de Pernambuco, onde ficou por sete anos. Foi nesse período que o Conde chamou para o Recife o francês Louis Lèger Vauthier e sua equipe, engenheiro que ficou responsável pela construção do teatro de Santa Isabel (1850) e por outras obras públicas, como os primeiros traços do Cemitério do Senhor Bom Jesus da Redenção, posteriormente conhecido como Cemitério de Santo Amaro. Nesse mesmo período, o engenheiro e bacharel em matemática José Mamede Alves Ferreira, além de ter projetado a Casa de Detenção e o Ginásio Pernambucano (1820-1865) ficou encarregado também pelo projeto definitivo do Cemitério, fundado em 1841 e inaugurado em 1º de março de 1851. Antecipado a sua inauguração por um surto de febre amarela que se alastrava pelo

Brasil e chegou a Pernambuco, conseqüentemente à cidade do Recife, onde houve grande mortalidade (Figura 25).

Quanto às propostas de traçado arquitetônico para o cemitério público do Recife, parece ter havido discordância entre os médicos e o engenheiro francês. A forma adotada no projeto foi o quadrado, cuja geometria não era defendida pelo segundo. Para este, a forma circular seria mais econômica, bela e funcional, pois facilitaria o trânsito dentro do cemitério. Uma segunda opção era o pentágono, que estaria no meio termo entre o quadrado e o círculo. A decisão pela escolha do traçado quadrangular talvez possa ter sido influenciada pelos modelos de cemitérios franceses. O cemitério seria cercado com um muro de 12 palmos de altura (2,64 m) e, para manter a salubridade, seria construída uma vala ao longo do muro para o escoamento das águas pluviais (TAVARES e BRAHM, 2018, p. 8).

Figura 25 – Frente do cemitério de Santo Amaro, 1858.



Fonte: Disponível em: <http://www.robsonsampaio.com.br/cemiterio-de-santo-amaro/>. Acesso em 13 de mai. de 2018.

A região já era estabelecida com o Hospital de Lázarus, que tinha sido inaugurado no século anterior à construção do cemitério, juntamente com o Cemitério dos Ingleses em 1814. Mais tarde a área ganharia também o Asilo da Mendicidade, 1870. Em vista disso, esta parte da cidade era destinada às negociações indesejáveis,

entretanto necessárias, mas que ficassem longe dos olhos dos cidadãos (MACHADO e CASTRO, 2017).

O cemitério localizado na Rua do Pombal nº1821, no bairro de Santo Amaro, chama a atenção pelas palmeiras imperiais que marcam as alamedas monumentais, dispendo em paralelo os túmulos mais importantes e renomados do cemitério (Figuras 26 e 27), juntamente com um portão de ferro fundido, trazendo com ele a data de MDCCCLI (1851), ano da sua inauguração, confeccionado pela firma A.C. Staar & Cia (Fundição Aurora) (Figura 28), mesma equipe que confeccionou o portão do Cemitério dos Ingleses (SILVA, 2017).

Figura 26 - Alameda principal do Cemitério de Santo Amaro ao fundo capela.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 27 – Jazigos paralelos à rua principal do Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 28 – Portão da entrada principal em ferro, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor: Leonardo Dantas Silva, 2017.

O arruamento do cemitério dispõe de alamedas radiais e ortogonais (Figura 29), formando 44 quadras trapezoidais e triangulares, nas quais se encontram jazigos perpétuos na periferia e temporários ao centro. Convergindo os percursos para o

Figura 30 – Vista da capela em alameda principal.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 31 – vista interna da capela.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 32 – Detalhe do crucifixo em ferro fundido.



Fonte: elaborada pelo auto, 2019

O cemitério faz parte da Divisão da Necrópole Norte (DVNN) ligada à (EMLURB) da prefeitura do Recife. Possui uma média de 20 a 25 sepultamentos por dia. No ano de 2016 possuía 1.886 túmulos, 1.409 jazigos, 1.993 catacumbas, 2.279 gavetas, 9.008 ossuários, 8.988 covas particulares, dentre elas 2.042 catacumbas e 5.250 jazigos pertencentes à cidade do Recife, em uma área plana de 14,5 hectares (TAVARES, *et al*, 2016).

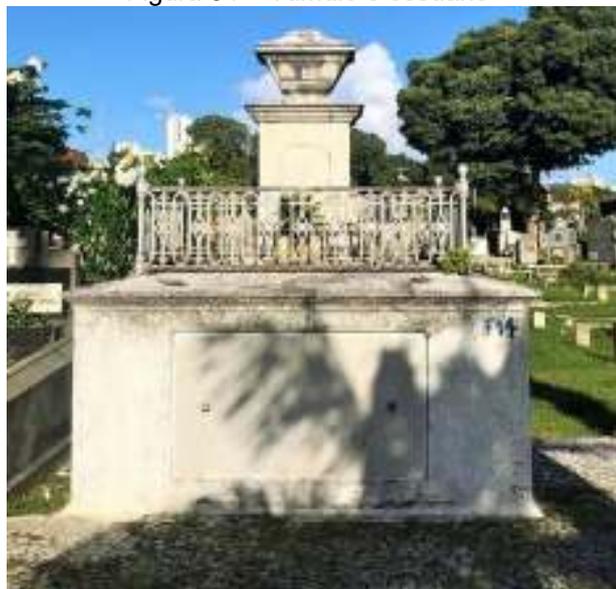
Segundo dados de 2017, o cemitério reúne em torno de 60% dos jazigos do sexo masculino e 26% para o sexo feminino e para ambos os sexos em torno de 14%. O cemitério possui 58% dos enterros feitos ali e 35% para os que vieram de outros cemitérios. Existem ainda 4 tipos de jazigos: os túmulos, que compreendem a maioria, com 56%; os ossuários, com 35% (Figura 33); ossuário e túmulo ao mesmo tempo totalizam 6%(Figura 34) e os mausoléus, com 3%. Os jazigos individuais correspondem a 69%, já os coletivos 30% (MACHADO e CASTRO, 2017).

Figura 33 – Ossuário.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 34 – Tumulo e ossuário



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Os materiais presentes nas composições tumulares são na maioria alvenaria, granito, mármore, pedra, ferro e cerâmica. Com 60% para o mármore e 20% para a alvenaria, mas há outros tipos de combinações existentes (MACHADO e CASTRO, 2017).

O cemitério de Santo Amaro é público e tem uma atividade rotatória, em que a cada dois anos, depois do indivíduo ser enterrado, a família deve se pronunciar para

a retirada dos ossos. Em seguida decidir o que fazer com a ossada, dando a ele o destino dos jazigos perpétuos. Entretanto, caso a família não compareça no prazo estabelecido, os ossos são transferidos para covas coletivas ou entregues às faculdades de medicina para estudo.

Para se efetivar um sepultamento o procedimento comum é fornecido pelas funerárias. Os familiares entram em contato com as mesmas, que são encarregadas de se comunicar com os cemitérios, fazendo inclusão das covas ou túmulos e o repasse do pagamento pelos serviços prestados ao cemitério e todo aparato necessário. Desse modo, são incluídas nas atividades do cemitério no dia-a-dia as aberturas de novas catacumbas e covas, as manutenções dos túmulos particulares e jazigos, a retiradas das ossadas, os velórios, o corte da grama etc (TAVARES, *et al*, 2016).

O Cemitério de Santo Amaro é um dos cemitérios oitocentistas mais importantes do Brasil, desde o século XIX, local em que estão enterrados coronéis, políticos, barões, escravos, governadores, os “novos ricos”, irmandades religiosas, pessoas anônimas etc. Um espaço cheio de memória e de monumentos marmóreos, estátuas e bustos com estilos e arquitetura diferentes em um só lugar (Figura 35) (TAVARES, *et al*, 2016).

O Cemitério do Senhor Bom Jesus da Redenção da Cidade do Recife, é um dos mais importantes estabelecimentos públicos, pela extensão da sua área e bela disposição do seu traçado, monumental capela, arborização, e sobretudo pela profusão dos seus mausoléus de mármore diversos, muitos dos quais, de custoso e primoroso trabalho artístico, considerados mesmo verdadeiros monumentos, além de outros menos notáveis, e uns tantos de alvenaria, mas de bela perspectiva (COSTA e CASTRO apud COSTA e MELLO 1983, p.242).

Figura 35 – Vista aérea do Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Disponível em: <http://www.fernandomachado.blog.br/novo/?p=162644>. Acesso em 29 de abr. de 2019.

4.1. Túmulos ilustres

As estruturas imateriais que compõem um cemitério são bem representativas, porém os elementos materiais são mais significativos e demonstram que a sociedade pode ser representada nesses espaços. Nesse sentido o Cemitério de Santo Amaro e todo seu conjunto, é resultado dessa configuração, retratado pela sociedade recifense na metade do século XIX (MACHADO e CASTRO, 2017).

Os cemitérios, como também a morte e suas manifestações, podem ser percebidas de formas diferentes, de pessoa para pessoa, levando-se em consideração que as perspectivas se alteram com o passar dos tempos. E para os cemitérios e os jazigos, estruturas essas que ultrapassam e resistem ao tempo, são cercados de particularidades e características próprias, que possibilitam diversos entendimentos. Como afirma Carvalho (2011, p. 39), “[...] túmulos são documentos sintomáticos da cultura visual da sociedade, pois oferecem possibilidades ilimitadas de ser entender a materialidade humana em tempos diferentes [...]”.

Portanto, nesses espaços chamados de necrópoles oitocentistas, as diferentes elites tentavam edificar seus túmulos em suntuosas construções, com a exibição de seus epitáfios elaborados, brasões, bustos etc., expondo gostos fúnebres. Também seguiam estilos arquitetônicos diferentes, como o Neogótico, o Neoclássico e o

Eclético, deixando em destaque o nome de algum membro mais reconhecido e deixando de lado o do patriarca da família, dispondo toda uma estirpe.

Para Marques (2018), o ponto agora era que a finalidade do túmulo, mesmo com o papel de guardar e conservar o corpo, também representava o gosto fúnebre os donos aos jazigos. Ainda em vida, decidiam o que queriam e o que fosse reproduzido sobre as sepulturas, bem como diferenciar os túmulos, dos mais simples ao mais rebuscados, atraindo os olhares dos visitantes nas necrópoles, os quais observavam os epitáfios, os materiais, os estilos etc.

A presença de túmulos monumentais constitui por excelência a afirmação de uma posse simbólica do espaço cemiterial por parte de determinados segmentos burgueses da sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, que reivindicaram para si suas singularidades de classe, através da recomposição dos liames familiares e, posteriormente, já nos primeiros decênios do século XX, pela progressiva individualização de seus membros, em túmulos individuais e personalizados (MOTTA, 2010, p. 281).

Os jazigos são peças datáveis precisas, já que nas lápides são encontrado geralmente as datas dos indivíduos ali enterrados como nascimento e falecimento. Geralmente essas datas estão salvas em caso de mudança dos jazigos ou do ossuário, ou por reformas decorrentes coincidem com o período de falecimento. Há outros elementos representativos postos sobre os túmulos, como o nome da pessoa sepultada, descendência familiar, títulos, fotos, profissão, textos, mensagens, dedicatórias, adornos detalhados (TAVARES, *et al*, 2016).

O Cemitério de Santo Amaro traz um universo cheio de monumentos marmóreos, de sepulturas caiadas distribuídas nas alamedas, jazigos suntuosos que são verdadeiras obras de arte. Dentre eles se destacam alguns, como o de Joaquim Nabuco, José Mariano, Manoel Borba, entre outros.

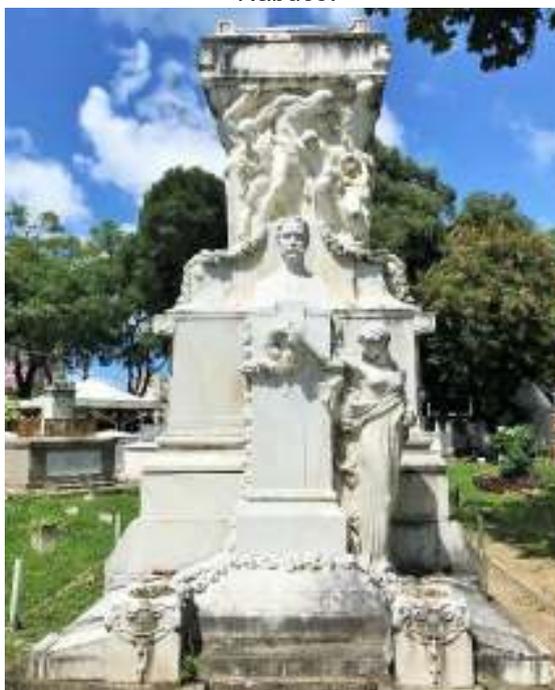
Joaquim Aurélio Barreto Nabuco nasceu no dia 19 de agosto de 1849, foi um grande político, historiador, advogado e diplomata brasileiro. Um dos mais importantes abolicionistas. Morreu no dia 17 de janeiro de 1910 em Washington, Estados Unidos. Seu corpo foi transportado para o Brasil, levado para a cidade do Recife e enterrado no Cemitério de Santo Amaro (TAVARES e BRAHM, 2018).

Herculano Bandeira de Melo, enquanto governador do estado de Pernambuco (1908-1910), encomendou um conjunto de esculturas para a sepultura de Joaquim Nabuco com o intuito de homenageá-lo. A estrutura foi encomendada da Itália, um

jazigo-capela, confeccionado em mármore Carrara, com detalhes em *art nouveau* de autoria do escultor italiano Giovanni Nicolini (1872-1956). A construção de uma capela ao ar livre no cemitério, em que sua sepultura reúne todos os ossuários de sua família. A instalação se fez pelo marmorista Renato Boretta, sendo entregue em 1914 (TAVARES e BRAHM, 2018).

O conjunto tem duas faces, sendo uma com o busto de Joaquim Nabuco e a outra a capela, dispendo de uma construção integrada e suntuosa. O jazigo localiza-se na terceira quadra à esquerda da entrada do cemitério (Figuras 36 e 37), (TAVARES e BRAHM, 2018).

Figura 36 - Frente do jazigo de Joaquim Nabuco.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019

Figura 37 – Costas do jazigo de Joaquim Nabuco.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

O lado que contém o busto do abolicionista exibe elementos alegóricos, simbólicos, representando sua maior causa, a libertação dos escravos no Brasil, uma integração dos ex-escravos perante à sua libertação que ainda iria acontecer. No alto da estrutura se encontra um caixão, sendo ele o de Joaquim, em que ex-cativos, crianças, mulheres, homens, são vistos trançados e seminus, conduzindo sobre suas cabeças o caixão. Na parte da frente da sepultura encontra-se o busto em mármore, juntamente com uma figura feminina ao lado, com rosas enfeitando o entorno do pedestal (Figuras 38 e 39), em que se encontra o busto e um escrito embaixo: “A Joaquim Aurélio de Araújo. Nasceu a 19 de agosto de 1849. Faleceu a 17 de janeiro de 1910”. Na outra parte do jazigo, que apresenta a capela, há uma dedicatória que diz “Homenagem do Estado de Pernambuco ao seu dilecto filho, o Redemptor da raça escrava no Brasil” (TAVARES e BRAHM, 2018).

Figura 38– Detalhe do caixão de Joaquim Nabuco sendo carregado.



Fonte: Disponível em: <http://revista.algomas.com/exclusivas/um-passeio-pelo-cemiterio-de-santo-amaro>. Acesso em 16 de mai. de 2019.

Figura 39– Detalhes do busto de Joaquim Nabuco e representação feminina.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Segundo Tavares e Brahm (2018), o jazigo de Joaquim Nabuco pode ser classificado como túmulo-monumento, o qual transmite um duplo significado, destacando o quão importante ele foi para a história, como também serve de sepultura.

Outro túmulo suntuoso é o de Manoel Antônio Pereira Borba, nascido em 19 de março de 1864 no município de Timbaúba, Pernambuco. Exerceu cargos de deputado federal, líder da bancada pernambucana, governador do estado e senador. Morreu aos 64 anos, no dia 11 de agosto de 1928.

No mausoléu de granito preto, apresenta-se uma figura feminina em bronze com uma torre na cabeça, de braços abertos, como se estivesse resguardando o túmulo e nos pés, a figura de um leão, também em bronze. Abaixo das patas do leão, uma frase que ficou famosa: “Pernambuco não se deixará humilhar”. Na efígie, o brasão em alto relevo em bronze com a seguinte inscrição: “Cidadãos: quando quiserdes advertir aos vossos governantes, incitar os vossos compatriotas e educar os vossos filhos, apontai-lhes o exemplo que foi Manuel Borba probidade e caráter, lealdade e bravura cívica. MCMCCCII.” (Figura 40 e 41), (TAVARES, *et al*, 2016).

Figura 40– Jazigo de Manoel Borba.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 41 – Detalhe do brasão e epigrafe.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Outro jazigo relevante é o do Barão e da Baronesa de Macejana: Antônio Cândido Antunes de Oliveira e Colomba Ponce de Leão. O túmulo é considerado do tipo individual, muito comum no início do século XX, unido a uma tradição comum na burguesia, também comum em outras capitais. Ele se situa perto da entrada do cemitério, possui um tamanho suficiente para que seja visto de diversas partes da necrópole (MARQUES, 2018).

Constituído de mármore Carrara, de autoria do escultor Jobson Figueiredo, o jazigo possui o formato de tocha invertida, que é o símbolo da morte e da expectativa de que a luz possa se reacender. Em seu testamento, o barão escreve que o túmulo seria destinado, inicialmente, à sua filha e seu genro, que vieram a falecer das epidemias que assolavam o Recife naquele período. O túmulo ainda apresenta as esculturas da baronesa e do barão, demonstrando o ato do casal no decurso da sua doença (Figuras 42 e 43) (SILVA, 2017).

Figura 42 – Jazigo do Barão e da Baronesa de Macejana.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 43 – Detalhe da escultura da Baronesa e do Barão de Macejana.

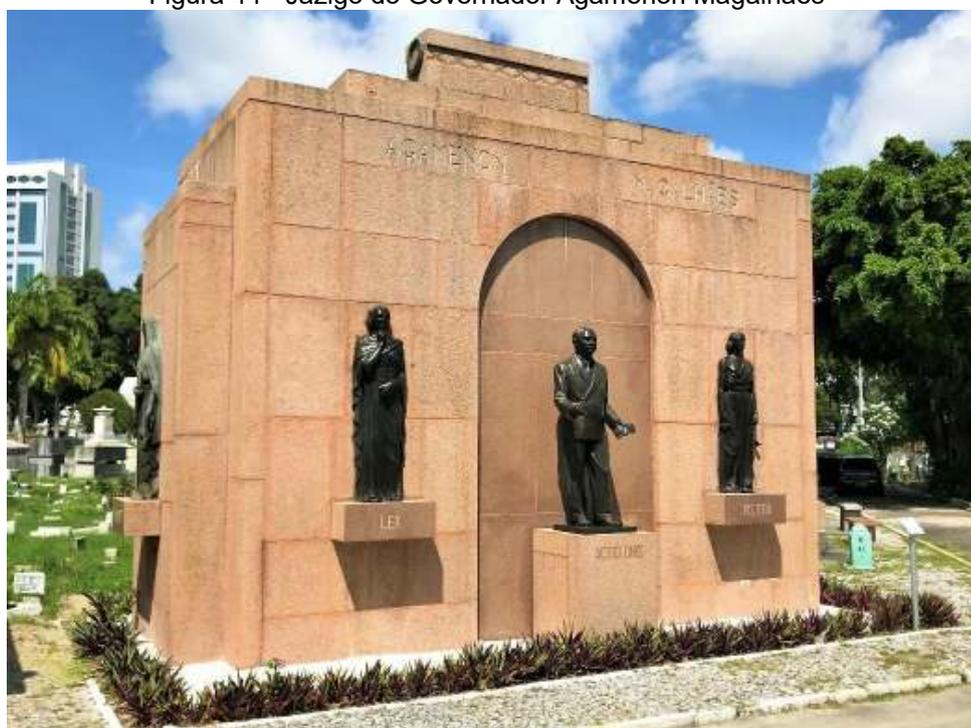


Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Outro túmulo de relevância arquitetônica é o de Agamenon Sérgio Godoy Magalhães, que foi promotor, deputado estadual, deputado federal, governador do estado e ministro. Agamenon Magalhães nasceu em Serra Talhada, no sertão de Pernambuco, em 5 de novembro de 1893, filho do bacharel Sergio Nunes de Magalhães e de Antônia de Godoy Magalhães. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1912, concluindo o curso de Ciências Políticas Sociais. Morreu na madrugada do dia 24 de agosto de 1952, de morte súbita, vítima de um enfarte do miocárdio (MARANHÃO, 1997)

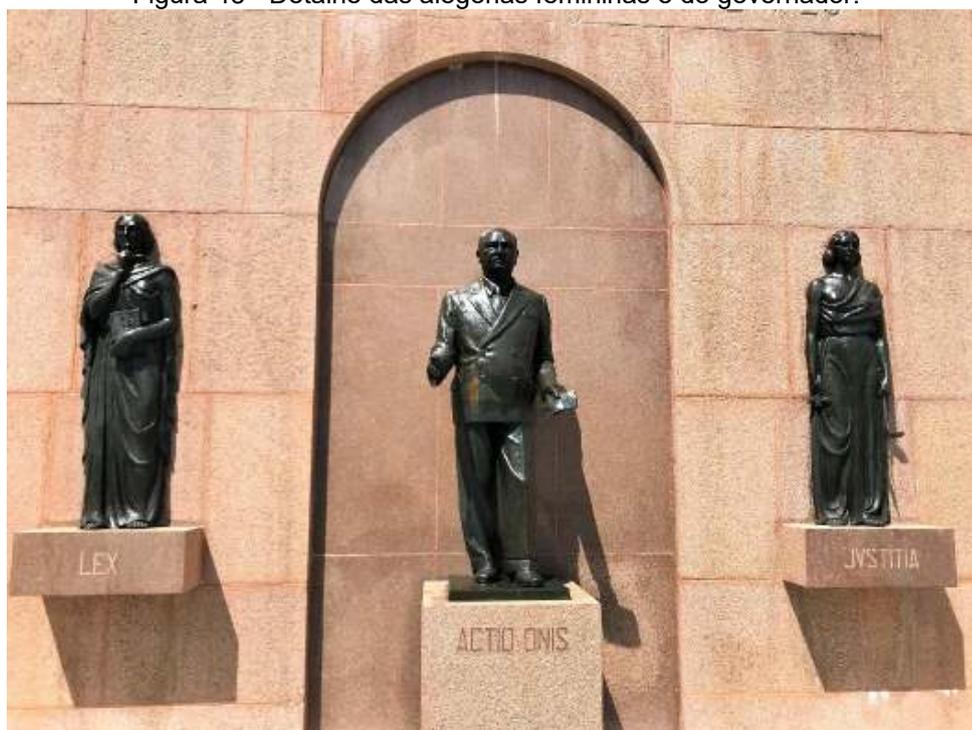
O jazigo está localizado na quadra 41, próximo à capela do cemitério. Seu estilo é o “Art Déco” (Figura 44) e a composição possui uma estátua de corpo inteiro do governador, ladeada por duas alegorias femininas, sendo uma identificada como representante da justiça e outra a lei, como informam os dizeres no local (Figura 45). Nas laterais do mausoléu há ainda outras duas figuras femininas, sendo uma representante da história e outra da virtude. Todas as esculturas são de bronze (Figura 46). O topo do mausoléu é arrematado por uma réplica de um caixão, em pedra.

Figura 44 - Jazigo do Governador Agamenon Magalhães



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 45 - Detalhe das alegorias femininas e do governador.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 46 - Detalhe das esculturas presentes nas laterais do mausoléu de Agamenon Magalhães.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

4.2. Principais estilos arquitetônicos

Nos primeiros momentos após a chegada da Família Real Portuguesa (1808), Dom João ordenou que fossem feitas melhorias nas principais cidades para estabelecer uma qualidade de vida mais adequada, como era visto nas cidades europeias. Aos poucos as cidades iam se refazendo, com remodelações e novas construções, todas com adesão a um novo estilo arquitetônico considerado condizente com a nobreza: o Neoclassicismo (resgate de elementos estéticos da Antiguidade Clássica grega e romana). Foram construídos novos padrões de habitações, aberturas de ruas, espaços de passeio etc, mas o ponto máximo se deu a partir da chegada da Missão artística francesa, que difundiu padrões a serem seguidos, por renomados arquitetos e engenheiros, tentando modernizar assim o cenário nacional, tirando toda forma barroca que era vista como mau gosto e retrógrada. Nesse mesmo período foi fundada a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, antecedente da Academia de Belas Artes, encarregada de aprimorar a arte e a arquitetura brasileira, abordando um novo conhecimento e padrões estéticos ideais, com influência das academias europeias, especialmente a de Paris (DIAS, 2008).

A Revolução Industrial, que atingiu seu ponto mais alto na segunda metade do século XIX, em que modo capitalista de produção se transforma em uma nova realidade social, assinalada pela mecanização do trabalho, o aumento populacional das grandes cidades, principalmente a migração da população do meio rural para os centros urbanos e o crescimento do proletariado como classe social, gerou novas formas construtivas. As residências e outros tipos construtivos receberam destaque para novas expressões artísticas e arquitetônicas, com fontes compositivas de estilos já existentes, movimentos de resgate e tradições, de variados grupos sociais, em um movimento que se chamou de Revivalismo, que foram determinantes na produção arquitetônica nos séculos XIX e início do XX, assim como o Neogótico (tratava de reassumir novos modelos artísticos baseados no Gótico) e o Ecletismo (junção de elementos de vários estilos numa mesma obra).

Logo após a Proclamação da República, o Brasil se viu avançado por diversas ideias de progresso, modernização, industrialização, influenciadas pelos desenvolvimentos europeus, tomando assim um grande espírito cosmopolita, deixando de vez para trás tudo que fazia parte do Brasil colônia.

A partir daí, tais mudanças significativas, originadas pela Revolução Industrial fizeram com que os espaços urbanos entrassem em constantes intervenções e não foi diferente com a cidade do Recife.

Segundo Nascimento (2015), desde o início do século XX, o Recife passou por constantes reformas urbanas que buscavam desobstruir as áreas ocupadas pelos sobrados e outras construções consideradas obstáculos para as novas formas de progresso, prédios insalubres, velhos, construções abandonadas, deterioradas etc., com o intuito de prover melhorias e beneficiar a população com a construção de avenidas largas e retilíneas para as máquinas automobilísticas, construções de quadras adequadas para implantações de conjuntos arquitetônicos, equipamentos urbanos viáveis para atender às questões de lazer, cultura, regidas pelo poder do progresso.

Dentre as transformações ocorridas no Recife, o cemitério de Santo Amaro foi uma delas. Cemitério esse que guarda estilos arquitetônicos e símbolos através de jazigos monumentais perpétuos, heranças deixadas pelas famílias dos falecidos como uma última forma de homenagem. Dentre os estilos encontrados na necrópole oitocentista, há vestígios do Neoclássico (Figura 47) mas os que predominam são os Neogóticos (Figura 48) e Ecléticos (figura49), isso porque a época de inauguração foi em meados do século XIX e estes eram os estilos vigentes no período. Sendo assim, as famílias construíam grandes moradias para seus entes falecidos, monumentos esses que poderiam se parecer com as suas casas em vida, mesmo com o falecimento o corpo não seria desamparado e teria um descanso à altura de toda pompa que julgavam merecer.

Figura 47 – Mausoléus Neoclássicos presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 48 – Mausoléus Neogóticos, presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 49 – Mausoléus Ecléticos, presentes no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Pelas dimensões, o rigor e o apuro estético e elementos simbólicos destes jazigos, percebe-se que, nestes casos, a arquitetura, juntamente com a estatuária, expressa a relevância histórica dos sepultados ou a importância que os sepultadores lhe atribuíram. A adoção de estilos arquitetônicos formais nos jazigos, vigentes na construção civil nas áreas urbanas, à época de construção de cada jazigo, é também um fator que expressa a importância dos falecidos, a exemplo do mausoléu de Joaquim Nabuco, inaugurado em 1914, que possui a pompa e característica liberdade estética da arquitetura eclética em vigor naquela época, como se vê em muitas edificações coevas; ou mesmo como o mausoléu de Agamenon Magalhães, com composição arquitetônica que remete ao “Art Déco”, que ainda se utilizava tardiamente em alguns novos edifícios da cidade.

Dentre os estilos encontrados no cemitério, o Modernismo também é visto em alguns túmulos. O Modernismo no Brasil tem início na Semana da Arte Moderna de 1922, tornando-se referência cultural no século XX. A Semana de Arte significou a busca de uma nova linguagem, na criação de uma abordagem mais liberal, tendo uma ruptura com o passado, deixando as vanguardas para o Modernismo. A semana foi destaque na época, marcada por apresentar novos conceitos e ideias artísticas, que antes não eram vistos. O objetivo da Semana era mostrar a renovação do ambiente artístico e cultural, apresentando que no meio artístico possui uma identidade, através da arquitetura, pintura, literatura, escultura e música (DAL MOLIM e ANJOS, 2014).

Segundo Dal Molin e Anjos (2014), antes da Semana de Arte Moderna surgir, a arquitetura modernista já começava a se evidenciar devido aos novos rumos propiciados pela Revolução Industrial, com o uso do concreto, do vidro e do aço, que começaram a ser produzidos em escala industrial e usados de maneiras inovadoras nas construções. As novas formas de pensamento fizeram com que houvesse rupturas de modelos arquitetônicos antigos, desenvolvendo condições favoráveis para novos conceitos e modelos.

Neste contexto, percebe-se que a arquitetura modernista não se restringiu às áreas urbanas, mas também aos cemitérios, como se vê no Cemitério de Santo Amaro (Figura 50 e 51).

Figura 50 – Mausoléu modernista de autoria do arquiteto Mário Russo, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Mario Russo, arquiteto italiano, atuou como professor da antiga Escola de Belas Artes, se mudou para a capital pernambucana, onde morou de 1949 a 1956, e onde também lecionou e foi convidado para ser coordenador do Escritório Técnico da Universidade Federal de Pernambuco, onde projetou e foi responsável por vários conjuntos de obras que atualmente constituem uma grande parte do patrimônio modernista do estado de Pernambuco.

O cemitério de Santo Amaro possui diversos túmulos de arquitetura moderna, mas de autoria até então desconhecida. Entre eles, tem-se como notável o túmulo do ex-governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti.

Figura 51 – Túmulo do político Carlos de Lima Cavalcanti.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

4.3. Os principais símbolos

Entende-se que há várias maneiras da sociedade se comportar diante da morte, mas sempre guardando a ideia de preservar a memória do morto pela imagem, mantendo viva assim a sua identidade. Assim como há a necessidade da preservação do morto, se faz necessário também ter a identidade cultural de uma sociedade em um dado período de tempo. Os cemitérios são os melhores exemplos onde pode encontrar essa identidade cultural, dentre diversas maneiras, seja por uma foto, uma estátua, epitáfios etc. (ARAÚJO, 2014).

Os símbolos artísticos são uma identificação de cultura, diferente da simbologia cristã de produzir imagens através da crença e da fé; a arte tumular tenta demonstrar o gosto artístico da família, o “status” e as origens étnicas presentes em algum elemento específico. Os cemitérios preservam essa identidade, quando visualizamos e destacam-se as diferenças presentes nos grandes monumentos em que, na sua maioria, são destinados aos grupos dominantes, enquanto a classe média dispõe de

uma singela decoração, evidenciando a estratificação presente nos cemitérios (ARAÚJO, 2014).

Para Araújo (2014), através dos símbolos presentes nas sepulturas, pode-se entender a finitude, em que as expressões contidas nos mesmos são uma forma de discurso. Enquanto uma família, um indivíduo ou uma instituição põe determinado símbolo para integrar uma determinada sepultura, está validando seus valores e suas crenças religiosas e culturais, no meio em que está inserido.

Segundo Araújo (2014), é entendido que as formas simbólicas se estendem por diversos conhecimentos, tendo assim várias interpretações. No caso de uma simbologia presente no cemitério, fundado por uma congregação religiosa, conseqüentemente estará atrelada aos símbolos religiosos. Entretanto, a simbologia artística faz referência às representações mortuárias, como também os feitos em vida realizados pelos que ali se encontram, ressaltando a construção da identidade, em que a simbologia personifica um conceito. Os símbolos normalmente estão ligados à origem geográfica e cultural de quem os concede, e podem variar conforme o período em que se encontram.

Portando, os cemitérios fornecem uma fonte rica de elementos que transmitem, relatam, contribuem para uma construção de uma sociedade em um contexto de tempo e espaço. E as imagens e escritos presentes representam distintas manifestações sociais, culturais e políticas vindas do mundo dos vivos (ARAÚJO, 2014).

O cemitério de Santo Amaro, diante da coleção que o reúne, pode ser entendido pelo conjunto produzido pela sociedade pernambucana a partir da metade do século XIX. É um espaço com um repertório cheio de obras de arte e de estilos arquitetônicos, que reúne as mais variadas representações simbólicas e seus significados.

Na presente tipologia tumular se destacam os artefatos cristãos como imagens de Jesus Cristo, santas, santos, crucifixos etc. (Figuras 52, 53 e 54) alegorias de bustos dos falecidos, mulheres em desolação, ampulhetas com asas, vasos. (Figuras 55, 56, 57 e 58). Alegorias cívico-celebrativas (Figura 59) Constituem também o acervo figuras antropomórficas, que são representações de formas humanas: anjos, crianças, divindades (Figura 60); Zoomorfos: representação de animais como leão, patas de leão, cão, pássaros etc. (Figura 61); Fitomórficos, representação de elementos vegetais: guirlandas, flores, folhas etc. (Figura 62); e os elementos ligados ao fogo: tochas, piras, chamas, lamparinas etc. (Figura 63).

Figura 52 – Alegorias de santos e santas, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 53 – Alegorias de crucifixos, Cemitério de Santo Amaro Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 54 – Crucifixos, Cemitério de Santo Amaro Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 55 – Alegoria feminina sob túmulos, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 56 – Mulheres em desolação, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 57 – Bustos, Cemitério de Santo Amaro Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 58 – Representação de vasos e ampulheta Cemitério de Santo Amaro, Recife – PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 59 – Imagens cívico-celebrativas, Cemitério de Santo Amaro, Recife – PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019

Figura 60 – Figuras antropomórficas, Cemitério de Santo Amaro, Recife – PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 61 – Representação zoomórfica, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 62 – Elementos fitomórficos, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Figura 63 – Elementos alegóricos do fogo, Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

Alguns significados referentes a alguns símbolos mencionados acima, de acordo com Charão, (2009).

Santos: Representam a devoção da pessoa ali sepultada ou de sua família, tendo relação com a imagem colocada sobre o túmulo, protegendo a alma do morto.

Crucifixo: Representa a esperança, a sorte. O símbolo da cruz remete ao sofrimento e sacrifício através da morte de Jesus Cristo.

Figura feminina: Representa a saudade, luto, tristeza diante da morte do falecido.

Vasos: simbolizam o corpo sem a alma.

Ampulheta: significa o passar do tempo, a transição entre vida e morte.

Anjos: alegoria que vela a alma do falecido, fazendo garantir uma boa partida.

Coroa de flores: Simboliza a concretização do círculo da vida até a morte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade abordar as questões socioculturais e simbólicas presentes na arquitetura tumular no Cemitério de Santo Amaro, Recife-PE, procurando observar o quão esses aspectos contribuíram para a interação dos vivos para com os mortos e de que modo os estilos arquitetônicos dos túmulos estavam em consonância com as modas estéticas de cada época na cidade.

Para a análise da pesquisa, um dos métodos realizados foi o histórico, abordando a trajetória da arquitetura tumular e as formas de sepultamentos em diferentes épocas e culturas, explicando também o que é a morte e seus significados, principalmente a partir do Brasil oitocentista, tendo como principal técnica a pesquisa bibliográfica, abordando diferentes autores para a realização de interpretações sobre a simbologia e estudos sociais e culturais presentes nos cemitérios. Também foi utilizado o método monográfico, que é o foco central desse trabalho, com o estudo do cemitério de Santo Amaro e suas características simbólicas e arquitetônicas, para enfim chegar a uma conclusão sobre o objeto de estudo.

Ao longo da pesquisa foi realizado o estudo sobre a arquitetura cemiterial, abordando a trajetória da saída dos enterros realizados antes nos interiores das igrejas, sendo destinados para fora das cidades por causarem enfermidades pela contaminação dos gases tóxicos provenientes da decomposição dos cadáveres, passando para novas adequações de higiene e segurança. Com a aplicação da análise comparativa se percebeu que a disposição que se encontra os cemitérios é reflexo das organizações retratadas nos centros urbanos, fornecendo uma leitura dos significados e dos aspectos sociais encontrados. Seguindo com essa mesma análise comparativa, constatou-se que os mais variados cemitérios atualmente são verdadeiros centros turísticos onde esses espaços são dotados de história, cultura, memória etc., sendo atrativos através da iconografia, da arquitetura e das pessoas ali sepultadas, passando a atrair a atenção do público.

Constatou-se que o Cemitério de Santo Amaro consiste em um conjunto de arquiteturas de diversos períodos, cujas feições estéticas estão em consonância com as modas estilísticas existentes na arquitetura do Recife, inclusive em pertinência às diversas classes sociais ali sepultadas, sendo muitas delas representadas, também, por símbolos.

Devem-se levar em consideração as diferentes expressões e atitudes das sociedades diante da morte, pois cada região mostra particularidades, diante de seus ritos e crenças, mas sempre mantendo a ideia de conservação da memória do morto, como também a identidade cultural de uma determinada sociedade através da arquitetura, símbolos, imagens, epitáfios que se fazem presentes nos cemitérios. Estes, por sua vez, possuem um vasto acervo cultural e social que se faz reflexo com os centros urbanos, cuja constatação é clara quando se compara os cemitérios com as cidades. Vê-se que de fato o que acontece nas cidades se espelha nas necrópoles, não só a distribuição espacial da arquitetura, mas também o zoneamento social, a distinção entre as classes dominantes permanentes ao centro, tendo seu lugar privilegiado enquanto os menos abastados locados nas periferias, afastados do centro.

O Cemitério de Santo Amaro fornece vários elementos que contam a história, desde a sua fundação em 1851, retratando os acontecimentos em épocas decorrentes através da sua iconografia marcante e suas características, mostrando através da diversidade e riqueza presente na arquitetura tumular juntamente com símbolos, as mais variadas culturas presentes em um só espaço, mostrando as distinções religiosas e sociais, estabelecidas na arquitetura dos grandes e pomposos mausoléus aos simples túmulos, destacando belezas e detalhes pelos olhares dos visitantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Imagens e representações da morte**. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem – I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, 2013, Londrina: 2013. p. 1995-1975.
- AIRES, A. P.; GUTIERREZ, J. B. **Arquitetura tumular na necrópole oitocentista**. Arquisur Revista, Pelotas-RS, v. 7, n. 12, p. 47-61, Nov. 2017.
- ARAÚJO, N. D. **Espaço das representações da morte: arte tumular como expressão da cultura**. Revista Brasileira de história, Maringá-PR, v. V, n.15, p. 1-14, Jan. 2013. ISSN: 1983-2850.
- ARAÚJO, N. D. **Hermenêutica e cemitérios: um olhar sobre o cemitério da Santa em Porto Alegre**. Revista ciência social e religião, Porto Alegre, v. 16, n. 20, p.82-95, jan/jun 2014.
- ARGOLO, P. **Produzindo um contexto familiar: ritos, artefatos e espaços funerários**. In: **Imagens da família nos contextos funerários: o caso de Atenas no período clássico**. Dissertação de mestrado. São Paulo: MAE-USP, 2006, p. 48-107.
- BAYARD, Jean Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?**. São Paulo: Paulus, 1996.
- CARVALHO, L. D. **Simbologia dos ritos funerários na pré-história**. Canidé, Xingó, n. 1, p. 3-227, Dez. 2001.
- CHARÃO, E. B. **Simbolos nos cemitérios de taquara**. Revista História, Imagem e Narrativa, Rio Grande do Sul, p.1-17, abr. 2009. ISSN: 1808-9895.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC. 1962-2008)**. 2008, 210 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade), PGAU-CIDADE, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CORALLI, . O silêncio coletivo: **A morte na atualidade e o desconforto causado por ela**. O portal dos psicólogos, 30 Dez. de. 2012. p. 1-6. Disponível em: <http://www.psicologia.pt>.
- COSTA, A. P. D.; MELLO, A. G. D. **Anais pernambucanos 1795-1817**. Recife: Governo de Pernambuco, Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais., v. 7, 1983.

COSTA, S. D. CASTRO, M. C. D. **Patrimônio funerário do cemitério histórico de Santo Amaro, no Recife: Estado de conservação dos primeiros túmulos.** Fundamentos, v. XII, p. 50-73, 2015.

DAL MOLIM, F.; ANJOS, F. D. **Lucio Costa e a arquitetura moderna no Brasil: Visão e legado.** Revista Thêma et Scientia, São Paulo, V.4, n. 1, p. 23-38, jan/jun 2014.

DIAS, P.D.G. **O século XIX e o neogótico na arquitetura brasileira: Um estudo de caracterização.** Revista Ohun, Minas Gerais, v.4, n.4, p.100-115, Dez. 2008. ISSN: 1807-595479.

FIGUEIREDO, O. M. **O turismo e lazer em cemitérios: Algumas considerações.** CULTUR revista cultura e turismo, Rio de Janeiro, v. 09, n. 0, p.125-142, Fev. 2015.

GALVÃO , V. **A morte no Brasil colonia.** JC Online, 1998. Disponível em: http://www2.uol.com.br/JC/_1998/0111/cm0111d.htm. Acesso em: 17 Ago. de 2018.

GUANDALINI, F.. **As transformações da relação do homem com a morte,** Curitiba PR, 2010. p. 2-57.

KASTENBAUM, Robert; AISENBERG, Ruth. **Psicologia da Morte.** São Paulo: Pioneira, 1983.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LIMA, R. M. D. **A convivência da morte: Os rituais fúnebris e o consumo mortuário em Limoeiro do Norte-CE.** XXVII Simpósio Nacional de História, NatalRN, 22 a 26 Jul. 2013. p. 1-17.

MACHADO, D. C.; CASTRO, M. C. D. **Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro, Recife, PE.** Clio Arqueológica, Recife, v.3, n. 2, p. 187-208, Ago. 2017.

MARQUES, R. **Quando o estilo é de morte e os gostos são por túmulos.** Caderno de ciências sociais da UFRPE, Recife, v.I, n. 12, p. 33-59, Jan/jun 2018.

MARANHÃO,. **O estadista Agamemnom Magalhães.** Revista de informação legislativa, Brasília, V. 34, n. 135, p. 327-334, jul./set. 1997.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

MOTTA, A. **Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 33, n. 16, p. 55-80, jan/jun. 2010.

NASCIMENTO, M. D. D. **A igreja e avenida: embates na modernização urbana na cidade de Recife**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis-SC, 27 a 31 jul. 2015, p. 1-16.

NOGUEIRA, D. S. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. Programa de Pós Graduação em Memória social- PPGMS, Rio de Janeiro, Mar. 2013. p. 11-120.

OSMAN, S. A.; RIBEIRO, O. C. F. **Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo**. Licere, Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 1-15, abr.2007. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf. Acesso em: 26 de mar. 2019

PUERTO, B. D. **O cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerado a trama morte e vida nas necrópoles**, Caxias do Sul, 10 de jun. 2016. p. 16-154.

ROCHA, S. S. D. **Formas de apropriação espacial no cemitério municipal da paz, em Belo Horizonte**. XI colóquio quapa seal-quadro do paisagismo no Brasil, Salvador – Bhaia – UFBA, Minas Gerais, 02 Fev. 2014. p. 1-19.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Ed Companhia das Letras, 1991.

SANTOS, P. N. D. **Segregação social espacial no cemitério Santana-Jaraguá (Go): Distinções sociais entre a vida e a morte**. ANAIS – Seminario de pesquisa, Pós-graduação, Ensino e Extensão do CCSEH-III SEPE ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL COMTEMPORÂNEO, Anápolis-Goiás, 06 a 09 jun. 2017. p. 1-10.

SANTOS, D. S. I Congresso internacional de religião mito e magia no mundo antigo e IX Fórum de debates em história antiga 2010. **Ritos funerários na Grecia antiga: um espaço feminino**, Rio de Janeiro, 08 a 12 Nov. 2010. p. 348-365.

SILVA, D. R. D.; SILVA, IV Congresso Nacional de Educação CONEDU. **A morte no ocidente: Considerações sobre a historia da morte no ocidente e suas representações históricas**, João Pessoa PB, 15 a 17 Nov. 2017.

SILVA, D. Arruando pelo cemitério de Santo Amaro. **Cemitério de Santo Amaro: Um roteiro de seu patrimônio**, 2017.

SILVA, W. D. C; FILHO, **Fontes potenciais de contaminação**. Ciência Hoje, Rio Claro, SP, v. 44, n. 263, p. 24-29, set. 2009.

TAVARES, D. K.; BRAHM, J. P.; RIBEIRO. **Museu da morte? vozes e narrativas no cemitério de Santo Amaro, Recife/PE**. Revista de História Comparada-Programa de Pós-Graduação em História Comparada-URFJ, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, p. 96-125, 28 de out. 2016. ISSN: 1981-383X.

TAVARES,; BRAHM, J. P. S. **Arte e ideologia no cemitério de Santo Amaro: o jazigo-capela de Joaquim Nabuco em foco.** Revista seminário de história da arte, v.I, n. 07, p. 1-24, 2018. ISSN 2237-1923.

THOMPSON, B. **Cemitérios verticais, espaço urbano e meio ambiente: o novo discurso científico universitário de incentivo a verticalização do cemitério e a cremação.** Primeiros estudos, são Paulo, n.7, p. 7-27, 2015. ISSN 2237-2423.

VILLASENOR, ; CONCONE, M. H. V. B. **A celebração da morte no imaginário mexicano.** Temática Kairós Gerontologia, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 37-47, Ago. 2012. ISSN 1516-2567.